

Carvalho, A. F. (2003) - O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (2), Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 229-273

O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000)

ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO*

R E S U M O

Apresentam-se os resultados obtidos pelo Parque Arqueológico do Vale do Côa entre 1996 e 2000 no estudo da ocupação humana do seu território durante o Neolítico e o Calcolítico, os quais assentam em trabalhos de prospecção na região do Baixo Côa e na escavação de quatro povoados (Tourão da Ramila, Quinta da Torrinha, Barrocal Tenreiro e Castelo de Algodres). As datações de radiocarbono disponíveis indicam que este conjunto de contextos se distribui entre os finais do IV milénio a.C. e finais do seguinte.

Aqueles sítios revelaram estruturas domésticas simples (lareiras, buracos de poste), com excepção do Barrocal Tenreiro, onde os dados recolhidos parecem indicar a presença de complexas estruturas em madeira, actualmente evidentes apenas através da diferente coloração dos sedimentos. Por razões tafonómicas, os materiais orgânicos recuperados nestes locais consistem apenas em carvões, não se tendo recolhido quaisquer restos faunísticos. Por seu lado, as componentes artefactuais são compostas sobretudo por contentores cerâmicos e pedra lascada e polida, sendo mais raros materiais como adornos, pesos de tear ou peças metálicas.

O conjunto da informação recolhida a partir do estudo destes povoados permitiu, ainda assim, elaborar um primeiro modelo de ocupação do espaço por parte destas comunidades pré-históricas. As principais conclusões neste domínio são as seguintes:

- (1) estão presentes, quer através de achados de superfície, quer através de contextos intervençados em escavação, os principais momentos do faseamento interno do Calcolítico, tal como reconhecidos nas regiões da Beira Alta e do Leste de Trás-os-Montes;
- (2) a elevada densidade de sítios e a maior duração das suas ocupações indicam um assinalável aumento demográfico na região na passagem do Neolítico para o Calcolítico;
- (3) a exploração económica dos planaltos e de algumas áreas topograficamente diferenciadas (depressão da Longroiva) deverá ter assentado na agricultura, dados os seus recursos potenciais (solos arenosos, por vezes bem drenados) e a evidência indirecta recolhida em escavação (elementos de mós);

(4) a oposição marcada, em termos de distribuição espacial, entre os povoados (fundados nas terras planálticas) e as necrópoles de cistas e a arte rupestre (confinadas aos fundos dos vales), o que parece testemunhar uma nítida opção de estruturação económica, social e simbólica do território.

Os dados aqui apresentados, que resultam da escavação de povoados abertos, permitirão a formulação de modelos mais completos sobre a ocupação humana do Baixo Côa nos períodos considerados se conjugados com a informação obtida nos povoados fortificados, nos diversos espaços funerários e na arte rupestre, conhecidos na região.

A B S T R A C T The results obtained by the Côa Valley Archaeological Park in the study of

the Late Neolithic and Chalcolithic occupation of its territory are presented in this paper. This study is based both on archaeological survey and on the excavation of four settlements (Tourão da Ramila, Quinta da Torrinha, Barrocal Tenreiro, and Castelo de Algodres) located in the Lower Côa Valley. The available radiocarbon datings indicate that the chronology of these sites spans from the second half of the 4th millennium BC to the end of the 3rd millennium.

Those sites have revealed simple domestic structures (fireplaces, postholes), the exception being Barrocal Tenreiro where the available data seems to indicate the presence of complex wooden structures evident only through the different colours of the sediments and their higher percentage of organic matter. Due to taphonomic limitations, the preserved organic materials are composed exclusively by charcoal. No faunal remains have been recovered. Artefacts are represented mostly by pottery, chipped and polished stone; adornments, loom weights or metal tools are scarce.

The main conclusions are the following:

1. both the surface data and the archaeological excavations permit the recognition of the main phases of the Chalcolithic as known in the Beira Alta and Eastern Trás-os-Montes regions;
2. the higher density of sites and the length of the corresponding occupations indicate a remarkable demographic increase in the region at the time of emergence of the Chalcolithic;
3. the economic exploitation of the highlands and some topographically favourable areas (such as the Longroiva *graben*) must have relied on agriculture, given their potential resources (well drained sandy soils) and some indirect evidence recovered in excavations (milling stones);
4. in what concerns their spatial distribution, there is a marked opposition between the habitation sites (located in the highlands), on one hand, and the burial sites and rock-art sites (restricted to the bottom of the valleys), on the other; this fact seems to indicate a well defined strategy underlying the appropriation of the territory in economic, social, and symbolic terms.

The data from the settlements presented here will permit the building of more complete models on the human occupation of the Lower Côa in the Late Prehistory if articulated with the information from the fortified settlements, burial contexts and rock-art sites already known in the region.

Realizaram-se entre 1996 e 2000 diversas acções de prospecção e de escavação no âmbito do estudo da Pré-História recente do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), tendo em vista, designadamente, alicerçar a arte rupestre da região num quadro cronológico-cultural bem definido e inseri-la nos respectivos modelos de ocupação do território.

Os resultados desta linha de investigação foram sendo publicados de forma mais ou menos preliminar em várias ocasiões. Assim, para além dos dados incluídos no *Relatório Científico ao Governo da República Portuguesa* (Aubry et al., 1997), foram publicados dois balanços globais provisórios (Aubry e Carvalho, 1998; Carvalho, 1998), redigidos ainda em plena fase de trabalhos de campo. Já coincidindo com o termo destes, procedeu-se à publicação de um estudo específico sobre o Neolítico antigo da região (Carvalho, 1999) e, mais recentemente, foi apresentado publicamente um primeiro ensaio sobre a articulação entre estes contextos habitacionais e a arte rupestre (Carvalho e Baptista, 2002). Na sequência desta estratégia de publicações, o objectivo do presente trabalho é apresentar de forma sistematizada a informação existente sobre o final do Neolítico e o Calcolítico na área do PAVC, inserindo-a no contexto regional do Baixo Côa. Para a conclusão das publicações, encontram-se em preparação os resultados da escavação do importante povoado do Bronze pleno do Fumo (Carvalho, s.d.).

A área geográfica definida pelo PAVC para a realização destas acções seria, por princípio, o interior do seu perímetro. Todavia, cedo se verificou que, para o pleno entendimento das ocorrências paleolíticas identificadas logo em 1995, sobretudo na sua expressão territorial, estas teriam de ser enquadradas numa unidade geográfica mais apropriada do que aquele critério administrativo actual. Assim sendo, considerou-se como espaço preferencial de estudo um território definido a Ocidente pela depressão da Longroiva, e a Leste pelo vale do Rio Águeda, junto à fronteira espanhola; o limite Sul é definido pelas faldas da Serra da Marofa e o Norte pela margem direita do Rio Douro. Esta definição abarcou, portanto, toda a rede hidrográfica do Baixo Côa — que inclui importantes afluentes como a Ribeira de Piscos, a Ribeirinha ou o Rio Massueime —, assim como a Ribeira de Aguiar e o Rio Águeda.

O início dos trabalhos de campo data de Agosto de 1995, tendo sido publicados no Relatório atrás referido: uma primeira abordagem à cartografia arqueológica; os resultados da prospecção; e um esboço da evolução do povoamento, da Pré-História à época romana (Aubry et al., 1997, p. 77-115). Porém, o objectivo primeiro daqueles trabalhos foi o de identificar e sondar contextos do Paleolítico Superior passíveis de correlação com a arte rupestre da mesma época. Só a partir de Outubro de 1996 se abriu a mencionada frente de estudo sistemático da Pré-História recente, cuja pertinência resultava, não só da existência de arte rupestre neo-calcolítica, como da descoberta, no quadro dos trabalhos de prospecção, de importantes contextos habitacionais daquelas épocas. Depois, entre 1999 e 2000, o PAVC procurou apoiar e coordenar uma rede de projectos de investigação sob um programa específico, designado por *Plano de Investigação Arqueológica do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Este plano integrava projectos de investigação promovidos pelo próprio PAVC, projectos desenvolvidos por outros arqueólogos na região, e ainda projectos desenvolvidos na área envolvente do PAVC considerados relevantes para o próprio. Dentro da primeira categoria referida, incluiu-se o projecto *Pré-História Recente do Parque Arqueológico do Vale do Côa*, que decorreu sob direcção do signatário e cujos objectivos principais e programação foram publicados com detalhe (Pinto, 1999, p. 287-289).

1. Resultados de prospecção no âmbito da Pré-História recente do PAVC

Neste âmbito, os trabalhos de prospecção permitiram, até 1999 e com algumas adições pontuais posteriores, o reconhecimento de um total de 39 sítios arqueológicos da Pré-História recente, aos quais se deverão adicionar as 9 ocorrências detectadas durante o levantamento da *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa* (Coixão, 2000).

Da análise da distribuição cronológica destes sítios, indicada na Fig. 1, destaca-se em primeiro lugar o facto de 29 daqueles 48 sítios não terem evidenciado materiais que permitam uma determinação cronológica mais fina do que a designação genérica de «Pré-História recente» (60% do total). Estes sítios são, por regra, compostos por materiais de superfície onde predominam os restos líticos indiferenciados e cerâmica de fabrico manual, estando também aqui incluídos as possíveis referências a monumentos megalíticos já destruídos. Outra evidência daquela Figura é, entre os sítios de cronologia determinada, verificar os valores muito próximos obtidos para o Calcolítico (Fig. 3) e início da Idade do Bronze (8 e 7 sítios, ou 17% e 15% do total, respectivamente)¹. Os três sítios cuja cronologia neolítica é segura (Fig. 2) representam apenas 6% do total das ocorrências. As implicações destes dados para o entendimento do povoamento pré-histórico da região serão desenvolvidas adiante. Deve assinalar-se, no entanto, que aquele valor de 48 ocupações da Pré-História recente consiste, ainda assim, num número mínimo. Com efeito, a base de dados do PAVC continha em 1999 (data da conclusão do *Plano Especial de Ordenamento do Território* do PAVC) outros 45 sítios que foram classificados como «Pré-História indeterminada», opção que resultou de limitações de ordem tafonómica. Isto é, a impossibilidade de determinar cronologias finas em sítios evidenciados apenas por restos líticos sem cerâmica associada, mas cuja inexistência se poderá dever tão-somente à lavra secular dos terrenos.

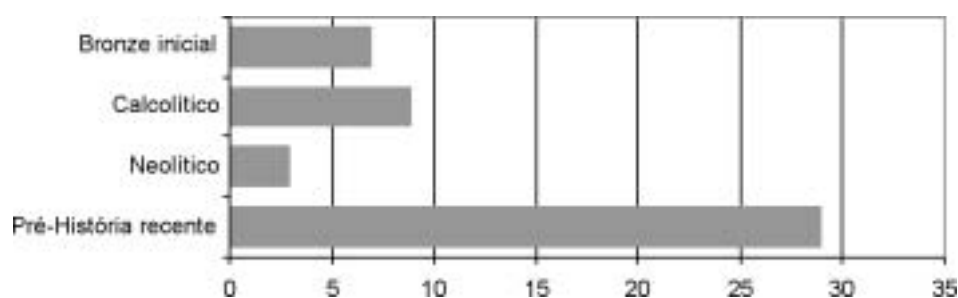


Fig. 1 Frequências de achados datáveis da Pré-História recente da área do PAVC.

Na primeira publicação dos resultados da prospecção (Aubry et al., 1997), produziram-se algumas considerações sobre os sítios que à data apresentavam vestígios de superfície mais significativos e que deveriam datar do final do Neolítico e Calcolítico (Vale da Veiga I, Curva da Ferradura e Vale do Mateus/Gamoal). A continuação dos trabalhos de prospecção veio a revelar um conjunto ainda mais vasto de ocorrências, algumas das quais desde logo objecto de sondagem. Assim, a listagem final de sítios seguramente atribuíveis àqueles períodos é a seguinte (Fig. 3)²:

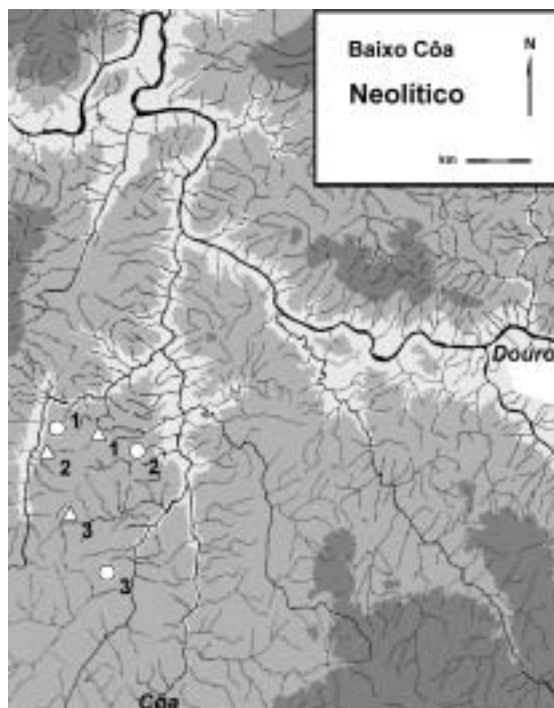


Fig. 2 Neolítico do Baixo Côa. Habitats neolíticos (círculos): 1. Quebradas, 2. Quinta da Torrinhã, 3. Tourão da Ramila. Possíveis monumentos megalíticos (triângulos): 1. Tapada da Lameira, 2. Mancheia, 3. Chão Redondo.

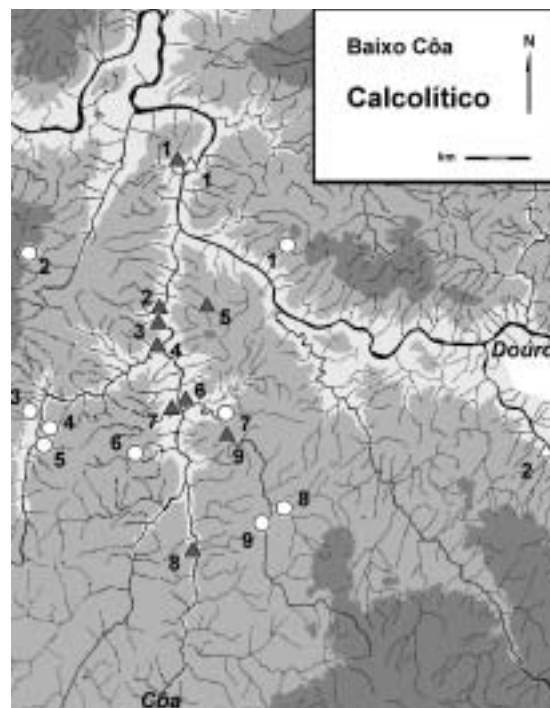


Fig. 3 Calcolítico do Baixo Côa. Povoamentos calcolíticos (círculos): 1. N.ª Sra. de Urros, 2. Castelo Velho de Freixo de Numão, 3. Vale da Veiga I, 4. Curral da Pedra, 5. Curva da Ferradura, 6. Quinta da Torrinhã, 7. Vale do Mateus / Gamoal, 8. Castelo de Algodres, 9. Barrocal Tenreiro. Necrópoles de cistas (triângulos): 1. Vale da Cerva ou Vale da Casa, 2. Malhadaís. Arte rupestre (triângulos cheios): 1. Vale da Casa, 2. Vale Videiro, 3. Vale Figueira, 4. Ribeira de Piscos, 5. Namorados, 6. Penascosa, 7. Quinta da Barca, 8. Faia, 9. Abrigo da Ribeirinha.

Vale da Veiga I (Longroiva, Mêda)

Trata-se de um sítio localizado numa vinha que, segundo informação do proprietário, foi plantada em 1994 após surribo mecânica do local, a qual terá atingido uma profundidade de cerca de 1,5 m e afectado, deste modo, a estratigrafia. Este facto foi confirmado pelas sondagens realizadas em 1998. Com efeito, verificou-se não só que não há qualquer depósito *in situ*, como também que os materiais arqueológicos deveriam estar originalmente agrupados em concentrações pouco densas. O exercício de reconstituição da jazida indica que terá existido uma ocupação paleolítica sobre as argilas de base testemunhada por sílex e seixos de quartzo e quartzito com concreções calcárias. Sobre esta teve lugar uma ocupação calcolítica (cerâmica com motivos em espinha), possivelmente relacionada com a exploração agrícola da bem irrigada depressão da Longroiva (Aubry et al., 1997, p. 94).

Curva da Ferradura (Chãs, Vila Nova de Foz Côa)

A sondagem deste sítio foi motivada pela recolha à superfície, em 1996, de cerâmicas calcolíticas (Aubry et al., 1997, p. 97). O bom estado de conservação dos cacos levou a crer na possibilidade de se estar perante um sítio bem preservado, pelo que se realizou em 1998 a limpeza do troço de um muro de retenção de terras para averiguação da estratigrafia. Infe-

lizmente, o trabalho incidiu num local onde os sedimentos eram estéreis e não estavam *in situ*. É, porém, possível que parte do contexto calcolítico se encontre actualmente sob a estrada que liga à povoação das Chãs.

N.ª Sra. de Urros (Urros, Torre de Moncorvo)

É um local muito elevado da margem direita do Rio Douro, com excelente domínio de paisagem. O sítio arqueológico, coroado por uma pequena capela, consiste num povoado rodeado por possíveis linhas de muralha, já referido por Sanches (1997, p. 284). Para além de outras ocupações (Idade do Ferro e épocas romana e medieval), há vestígios de uma ocupação calcolítica evidenciada por cerâmica com decoração penteada, pontas de seta, núcleos e talhe diverso em quartzo. No entanto, só com trabalhos de escavação será possível confirmar eventuais relações estratigráficas entre aqueles materiais e as estruturas construtivas assinaladas. As condições geográficas envolventes (depressão irrigada por vários cursos de água) apoiam a hipótese de uma ocupação permanente do local.

Curral da Pedra (Chãs, Vila Nova de Foz Côa)

Descoberto por Coixão (2000, p. 132-136), este sítio localiza-se num patamar a meia-vergente entre a depressão da Longroiva e o Planalto das Chãs. Trata-se de um local muito alterado pela construção de muros de retenção de terras e pela lavra do terreno. Os materiais são em grande quantidade e incluem talhe do quartzo, termoclastos de seixo de quartzo, pesos de tear e cerâmica com uma vasta panóplia de técnicas e motivos decorativos (p. ex., espinhas incisas, impressões arrastadas, faixas de linhas incisas convergentes, e domínio da cerâmica penteada). Tal como no caso da Curva da Ferradura, a implantação deste sítio parece indicar a exploração simultânea do *graben* da Longroiva e do Planalto das Chãs.

Vale do Mateus/Gamoal (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)

Descritos anteriormente (Aubry et al., 1997, p. 101), estes locais referem-se a duas plataformas no topo da margem direita da Ribeirinha, as quais detêm os topónimos assinalados. Os trabalhos resumiram-se até à presente data a sucessivas recolhas de superfície. Todavia, a grande homogeneidade dos artefactos recolhidos e as observações no terreno, apesar de limitadas pelas más condições de visibilidade, indicam que se estará perante a mesma entidade arqueológica e não dois sítios distintos. Os materiais são compostos por talhe do quartzo, um machado em pedra polida, e cerâmica caracterizada pela decoração com penteados incisos. Estes materiais estão contudo muito rolados, tendo na sua maioria sido recolhidos na própria vertente, o que, associado à fraca espessura do solo neste local, indica um contexto já muito erodido.

A estes sítios devem somar-se outros que foram intervencionados mais demoradamente e que proporcionaram resultados mais significativos. Trata-se do Tourão da Ramila e da Quinta da Torrinha, ambos localizados na freguesia de Santa Comba, concelho de Vila Nova de Foz Côa, e do Barrocal Tenreiro e Castelo de Algodres, localizados em Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo, que são apresentados de seguida.

2. Tourão da Ramila

O Tourão da Ramila (Fig. 2) foi descoberto e sondado em 1997. O local havia então sido recentemente lavrado com meios mecânicos, facto que revelou a existência da ocupação pré-histórica, doutra forma escondida sob o denso giestal que cobria o terreno.

O povoado está implantado numa área aplanada ladeada por cabeços graníticos, de onde se pode observar o vale da Ribeira de Massueime, a Nascente, e a Serra da Marofa, a Sul (Figs. 4 e 5). Cerca de 200 metros a Nordeste do sítio existe uma nascente, actualmente represada para bebedouro de rebanhos, que poderá ter desempenhado um papel fulcral durante a ocupação pré-histórica.



Fig. 4 Tourão da Ramila. Topografia (A área escavada representada tem 2 x 3 m).



Fig. 5 Tourão da Ramila. Foto de conjunto, tirada de Norte. Em primeiro plano, o terreno lavrado (o *Locus* TRM1 localiza-se na língua de terra à esquerda), e no horizonte a Serra da Marofa.

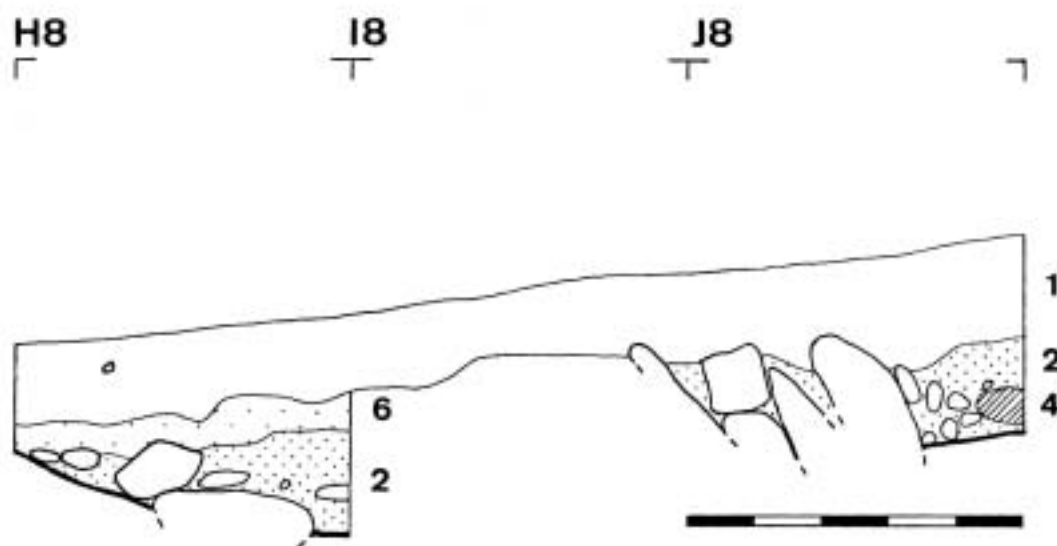


Fig. 6 Tourão da Ramila. Corte estratigráfico H-J/8 (escala = 1 metro).

As recolhas de superfície permitiram identificar a existência de três *loci* distintos com base na distribuição espacial dos achados, cujo significado é por ora desconhecido (segregação espacial? reocupação?):

- *Locus* TRM1: Situa-se na parte mais baixa do local, estando revelado pela presença de cerâmica e talhe do quartzo. Foi neste sector que se realizaram sondagens arqueológicas (Fig. 4) e recolhas de superfície intensivas, pelo que a análise do espólio, apresentada adiante, se refere apenas a este *locus*.
- *Locus* TRM2: Este *locus* situa-se na mesma parcela, mas a cotas mais elevadas. Aqui identificaram-se materiais de superfície semelhantes aos anteriores, mas acompanhados de termoclastos de seixos de quartzito e quartzo.
- *Locus* TRM3: Localiza-se a Sul de TRM2, também em área lavrada. Este *locus* é inconclusivo ao nível do talhe da pedra, mas o pequeno conjunto cerâmico apresenta um tipo de fabrico (cozedura redutora) e de acabamento de superfície (brunido) nitidamente distintos do verificado nos sectores anteriores, podendo indicar uma ocupação posterior; no entanto, não se realizaram trabalhos de escavação que permitam confirmar esta hipótese.

2.1. Trabalhos realizados e estratigrafia

Os trabalhos de sondagem incidiram, como se referiu acima, somente no *Locus* TRM1 (Fig. 4). Aí, para além de uma sondagem isolada no giestal, infrutífera, procedeu-se à abertura de sondagens de 1 m² a intervalos regulares (um em cada seis metros) ao longo de um eixo de orientação aproximada Norte-Sul (não indicados no levantamento topográfico). Identificado o ponto de melhor preservação contextual, abriu-se um rectângulo de 2 x 3 m subdividido em quadrados de 1 m de lado. A estratigrafia reconhecida descreve-se do seguinte modo (Fig. 6):

- Camada 1: Terras lavradas, pulverulentas, de cor acastanhada, com cerca de 20 cm de espessura. Embala materiais arqueológicos em razoável estado de conservação, o que se deverá ao facto de terem sido as primeiras lavras mecânicas realizadas no local.
- Camada 2: Sedimentos arenosos alaranjados, identificados apenas na parte escavada em área, a cerca de 30 cm da superfície. Contém materiais arqueológicos bem conservados.
- Camada 3: Sedimentos do mesmo tipo anterior, mas de cor amarela, encontrados apenas nas sondagens iniciais, imediatamente subjacente à camada 1. Poderá tratar-se de uma variação lateral da camada 2, conquanto, ao contrário dessa, seja estéril em materiais arqueológicos.
- Camada 4: Terras arenosas de cor castanho-enegrecida, identificada apenas na parte aberta em área. Apresentam uma boa preservação contextual. A sua cor, disposição e relação estratigráfica com a camada 2 (está contida nessa unidade estratigráfica), aspecto dos materiais arqueológicos (cerâmicas calcinadas) e presença de termoclastos, indicam poder tratar-se de um nível de incêndio ou de uma grande área de combustão (Fig. 7), a partir da qual se procedeu à datação de pequenos pedaços de carvão (ver adiante).
- Camada 5: Areão branco preenchendo os interstícios do granito de base, estéril.
- Camada 6: Nível de espessura muito variável (entre 6-7 cm em H9 e 50 cm em H10), composto por sedimentos areno-argilosos de cor castanho-escura, intercalada entre a camada 1 e a camada 2 na sondagem em área. É praticamente estéril em materiais arqueológicos.

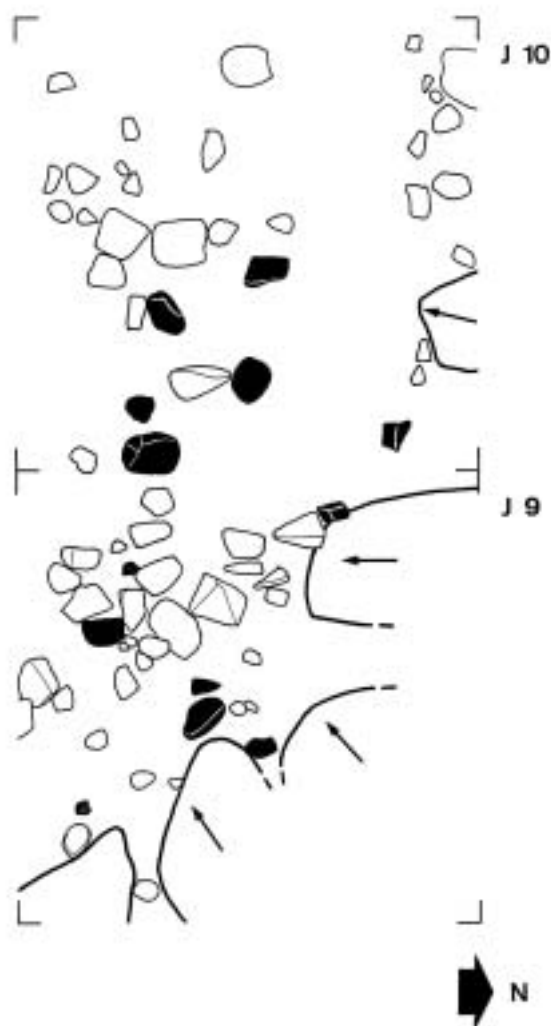


Fig. 7 Tourão da Ramila. Plano de escavação dos quadrados J9 e J10, ao nível da camada 4 (terras carbonosas).

2.2. Componentes artefactuais

Uma análise precisa das formas cerâmicas debate-se com a limitação imposta pela pequenez da amostra e a sua fragmentação (Quadro 1). Tratam-se, no entanto, de um modo geral, de vasos de formas relativamente simples (Fig. 8). Com efeito, os catorze recipientes que permitiram reconstituição conformam taças ou tigelas (8 exemplares), esféricos, potes ou vasos de paredes rectas, e globulares (2 exemplares em cada categoria). Os fragmentos de fundos planos e de asas, assim como o mamilo (Fig. 9, n.º 3), demonstram variações formais muito pontuais. O tratamento das superfícies dos vasos é um alisado, por vezes muito cuidado. Apenas 7% dos vasos contabilizados apresentam decorações (Figs. 9 e 10), as quais se organizam do seguinte modo:

- traços incisos verticais ou subverticais (5 exemplares);
- puncionamentos e/ou impressões organizadas em fiadas paralelas ao bordo (3 exemplares);

- caneluras dispostas na vertical, pouco profundas (Fig. 9, n.º 5; Fig. 10, n.º 5), assemelhando-se aos tipos identificados no habitat neolítico das Quebradas (Carvalho, 1999) (2 exemplares).
- impressões circulares; presentes apenas num único exemplar, este tipo decorativo singular parece ter sido obtido através da aplicação de um caule oco (Fig. 9, n.º 3);
- bandas de linhas incisas (1 exemplar).

Quadro 1. Inventário geral da indústria cerâmica					
	<i>Bojos lisos</i>	<i>Bojos decorados</i>	<i>Bordos lisos</i>	<i>Bordos decorados</i>	<i>Total</i>
TOURÃO DA RAMILA	1209 (a)	4	108	10	1331
QTA. DA TORRINHA Sector I	861	1	59	1	922
QTA. DA TORRINHA Sector II	451		47	1	499
BARROCAL TENREIRO	1493	78	75	11	1657
CASTELO DE ALGODRES	1803	49	37	9	1898

(a) Inclui 2 fragmentos de asas, 1 mamilo e 1 fundo plano.

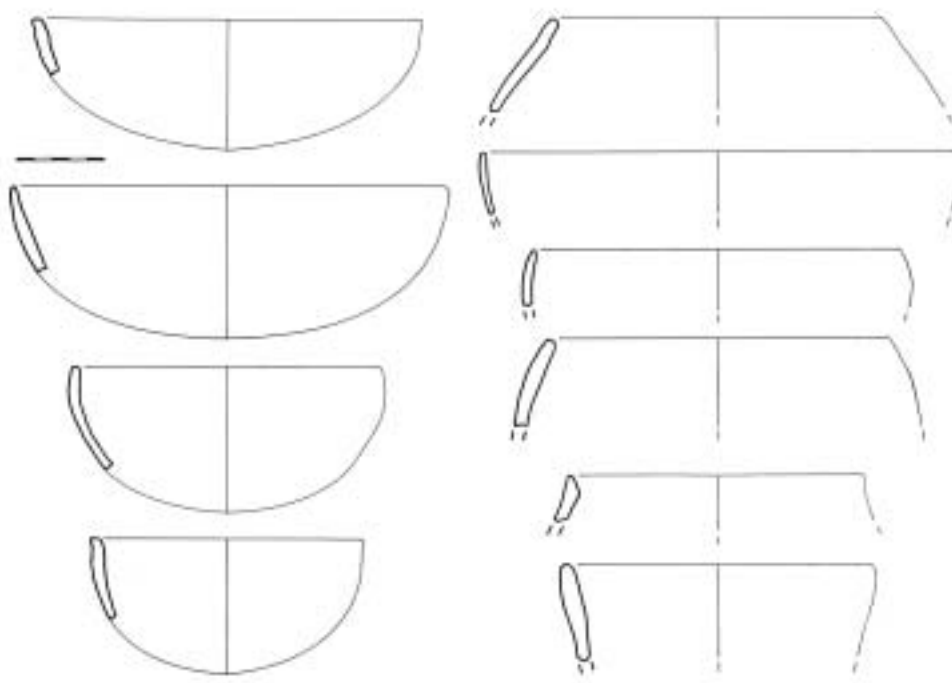


Fig. 8 Tourão da Ramila. Cerâmica lisa (escala em cm).

Um dos aspectos mais notáveis deste sítio é a elevada quantidade de mós em pedra polida recolhidas nos moroiços, algumas das quais de dimensões consideráveis. Na pedra lascada predomina o talhe do quartzo (Quadro 2). Trata-se de uma indústria sobre lascas, cujos núcleos se desconhecem (há apenas uma peça bipolar), com um baixo índice de retoque (apenas 1 entalhe e 3 lascas retocadas em quartzo). A debitage lamelar tem uma importância numérica mínima e está restrita ao quartzo. À superfície foram recolhidas duas peças em sílex, de cor alaranjada, polidas em ambas as faces (Fig. 11). Têm ambas perfurações troncocónicas, verosimilmente para suspensão, pelo que poderão tratar-se de elementos de adorno.

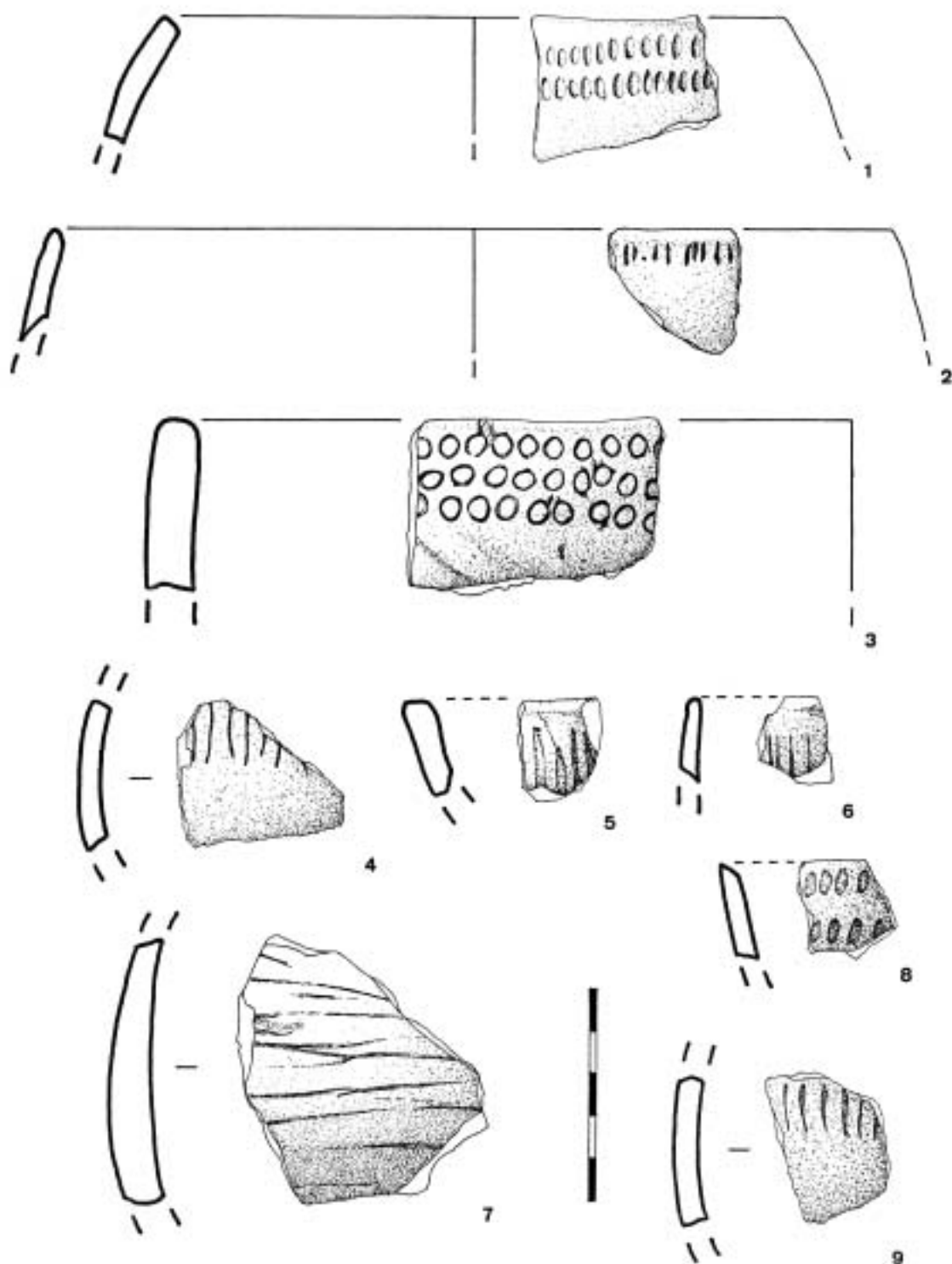


Fig. 9 Tourão da Ramila. Cerâmica decorada (escala em cm).

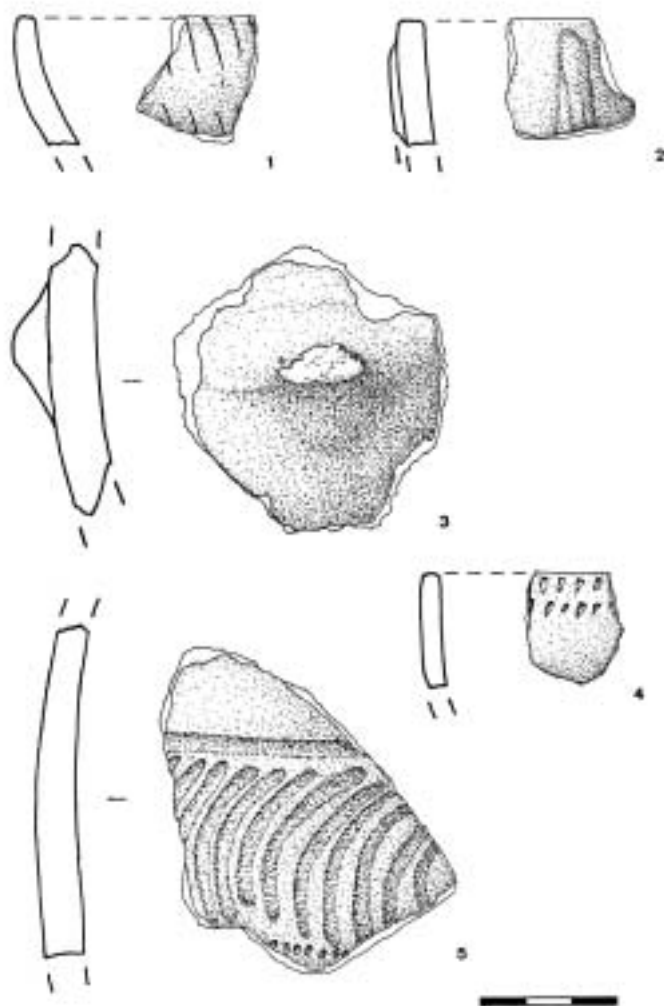


Fig. 10 Tourão da Ramila. Cerâmica decorada (escala em cm).

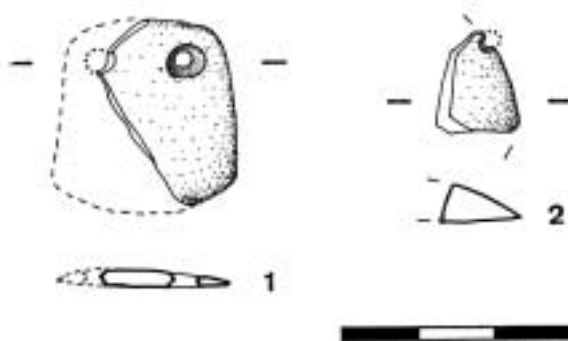


Fig. 11 Tourão da Ramila. Elementos de adorno em sílex (escala em cm).

Quadro 2. Inventário geral da indústria de pedra lascada

	<i>Sílex</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Cristal Rocha</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Xisto</i>	<i>Riolite</i>	<i>Anfibolite</i>	<i>Total</i>
TOURÃO DA RAMILA								
Material de debitage:								
Lascas			6	139	1			146
Lamelas				2				2
Utensílios retocados				4				4
Núcleos			1					1
Material residual		3	8	104	2			118
TOTAL		3	15	249	3			269
PESO (g)		165	9	912	104			1190
QTA. DA TORRINHA Sector I								
Material de debitage:								
Lascas	1	4	185	312		5	1 (a)	508
Lâminas				1				1
Lamelas			11					11
Utensílios retocados	2 (b)		16	12				28
Núcleos			10	11				21
Material residual	1	1	193	639		2		1036
TOTAL	2	5	615	975		7	1	1605
PESO TOTAL (g)	1	15	285	1219		70	4	1594
QTA. DA TORRINHA Sector I								
Material de debitage:								
Lascas	1		72	122		5		200
Lamelas	(c)							
Utensílios retocados	2		4	9		1		16
Núcleos			7	9		1		16
Material residual			84	86		2		172
TOTAL	3		166	228		8		405
PESO TOTAL (g)	10		117	920		144		1192
BARROCAL TENREIRO								
Material de debitage:								
Lascas		6		149	2	2		158
Utensílios retocados	1	1		21 (d)	2			25
Núcleos		1		10 (d)				11
Material residual		3	3	23	11	2		
TOTAL	1	66	3	204	15	3		292
PESO TOTAL (g)	2	2942	15	2023	117	15		5114
CASTELO DE ALGODRES								
Material de debitage:								
Lascas		3		77		1		81
Lâminas				1				1
Utensílios retocados	1 (e)			8				9
Núcleos			1	2				3
Material residual		5	2	21		7	2	37
Seixos talhados		1		2				
TOTAL	1	9	2	112		8	2	134
PESO TOTAL (g)	8	3834	5	2255		100	11	6213

(a) Peça associável a um seixo da mesma rocha, encontrado na camada 2, abandonado nas etapas iniciais de fabrico de um machado em pedra polida.

(b) Inclui uma ponta de seta fabricada em sílex encontrada à superfície.

(c) Recolheu-se um exemplar muito patinado, pelo que não será correlacionável com a ocupação calcolítica.

(d) Inclui núcleos e cunhas associadas a blocos brutos de quartzito encontrados na base das U.E.4.

(e) Lâmina de sílex.

2.3. Cronologia

A cultura material deste povoado, tomada na sua totalidade, não permite inferir com rigor a sua cronologia. Porém, as decorações caneladas, designadamente as de tipo curvo, encontram paralelos em vários contextos neolíticos do Norte de Portugal: no habitat das Quebradas (Vila Nova de Foz Côa), atribuído ao Neolítico antigo (Carvalho, 1999); no nível IV do Buraco da Pala, em Mirandela, para o qual existem datações de radiocarbono agrupadas na primeira metade do V milénio a.C. e em meados do IV milénio a.C. (Sanches, 1997); e em vários monumentos megalíticos, como o Dólmen do Turgal, em Penedono (Gomes e Carvalho, 1999), Madorras 1, em Sabrosa (Gonçalves e Cruz, 1994), ou, de acordo ainda com estes autores, em monumentos da Serra da Aboboreira, como Serrinha 2, Chã de Santinhos 2, Furnas 2, ou Chã de Parada 1.

Estes dados apontam, em suma, para uma relativa longevidade deste tipo decorativo, mas eminentemente associável aos momentos médios e finais do Neolítico. A datação de carvões de espécies de vida curta (*Cistus* e *Cytisus*), recolhidos na camada 4 do Tourão da Ramila resultou em 4450 ± 40 BP (Beta-137944), ou seja a segunda metade do IV milénio a.C., e veio indicar uma data compatível com a cronologia do topo do nível IV do Buraco da Pala e com os monumentos megalíticos referidos. Estes dados obrigam também à reinterpretação da cronologia inicialmente avançada para as Quebradas, cuja principal característica cerâmica é precisamente a presença de decorações caneladas deste tipo (Carvalho, 1999). Esta questão, que tem implicações no quadro crono-estratigráfico regional, será abordada adiante.

3. Quinta da Torrinha

Este sítio (Fig. 3), descoberto em 1997, está situado nas imediações da quinta com o mesmo nome. Localiza-se na margem esquerda da Ribeira do Zambujal, afluente do Côa, numa área de substrato granítico. A topografia do local apresenta um declive suave, através de patamares delimitados por muros, na direcção daquela ribeira (Fig. 12). A parte mais elevada foi designada por Sector II e uma plataforma junto da ribeira tomou a designação de Sector I. Com excepção de um pequeno olival no Sector I, estes terrenos estão actualmente em estado de semi-abandono, tendo sido outrora amanhados para cultivo de centeio (Fig. 13).

3.1. Trabalhos realizados e estratigrafia

Os primeiros trabalhos datam de 1997, altura em que se realizaram sondagens de reconhecimento estratigráfico no Sector I, tendo-se então identificado ocupações do Neolítico antigo e do Calcolítico. O Sector II foi intervencionado em 1998.

A estratigrafia do Sector I foi já descrita a propósito da ocupação neolítica (Carvalho, 1999, p. 55-56). A datação de radiocarbono entretanto obtida para a camada 2 deste Sector (Fig. 14), muito recente (Beta-137943: 330 ± 30 BP), veio confirmar o estado revolvido dos níveis superiores por lavras sucessivas e pela plantação do olival. Por seu lado, os trabalhos no Sector II consistiram, numa primeira etapa, na abertura de várias sondagens na tentativa de identificar o local de melhor preservação contextual. Apenas num único ponto se reconheceu um nível arqueológico conservado, tendo-se procedido aí, subsequentemente, à escavação de uma área rectangular de 2 x 5 m (Fig. 12). A estratigrafia observada neste local compreende apenas duas camadas, tal como se pode ver no corte Sul (Fig. 14): uma superficial (camada 1), formada por terras sol-

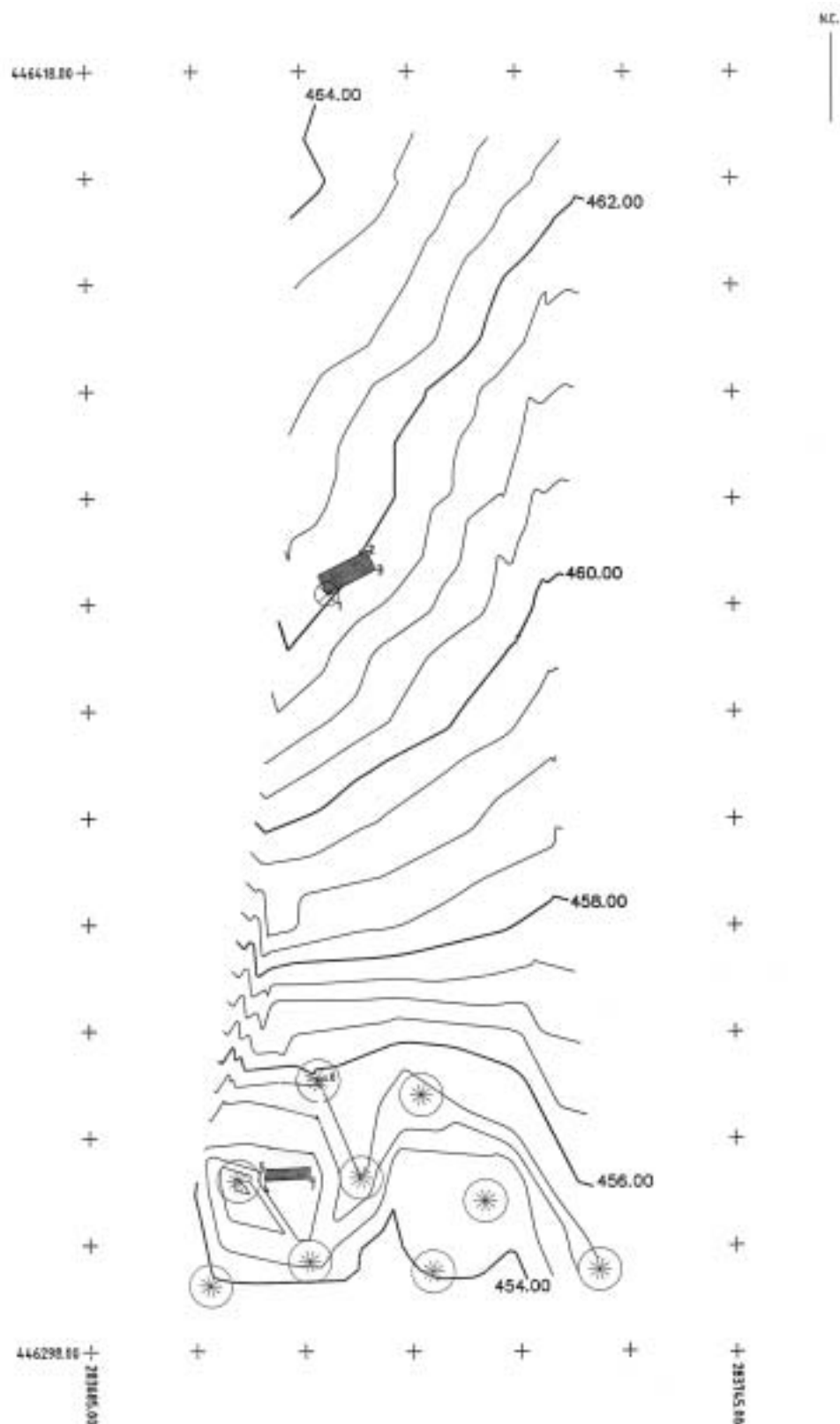


Fig. 12 Quinta da Torrinha. Topografia dos sectores I e II, com indicação das áreas escavadas. No Sector I indicam-se apenas os quadrados E25/28 (para planta completa, ver Carvalho, 1999, Fig. 13) (A área escavada no sector II tem 2 x 5 m).

tas, de cor castanho-clara, correspondente ao horizonte lavrado; outra (camada 2), basal, formada por sedimentos castanho-escuros compactos e contendo materiais arqueológicos em bom estado de conservação.



Fig. 13 Quinta da Torrinha. Foto do Sector II, a partir de Noroeste; o Sector I, mais baixo, localiza-se junto ao vale que atravessa a imagem a meio.

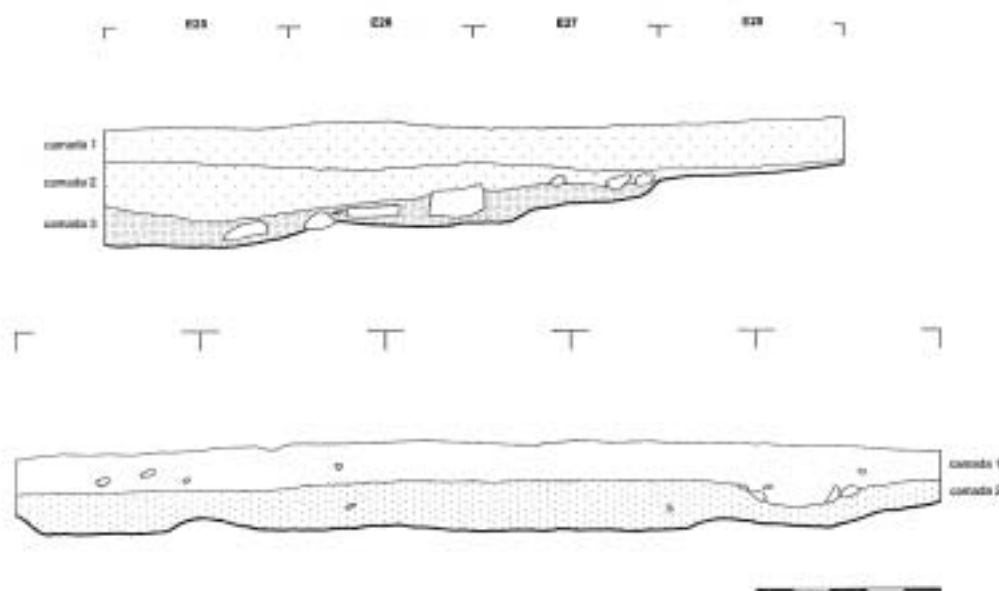


Fig. 14 Quinta da Torrinha. Cortes estratigráficos do Sector I (em cima) e do Sector II («Corte Sul»; em baixo) (escala = 1 metro).

3.2. Componentes artefactuais da ocupação calcolítica

Dadas as profundas perturbações do nível arqueológico calcolítico da Quinta da Torrinha, apenas se pôde inferir a forma original dos vasos cerâmicos em dez casos: 7 taças ou tigelas, 2 esféricos e 1 globular. Um aspecto formal característico deste conjunto é a presença de bordos com um ligeiro espessamento exterior junto ao lábio, como se pode observar na Fig. 15, n.º 7, e na Fig. 16, n.º 3. Noutro sentido, deve salientar-se a presença de fragmentos de bojo apresentando perfis acentuadamente curvos, o que sugere a presença de formas muito pouco profundas. As decorações são muito raras (Figs. 15 e 16). Entre os materiais em cerâmica destaca-se ainda, pela sua raridade em contextos da região, um fragmento de base de «ídolo de cornos», recolhido à superfície no Sector I (Fig. 17).

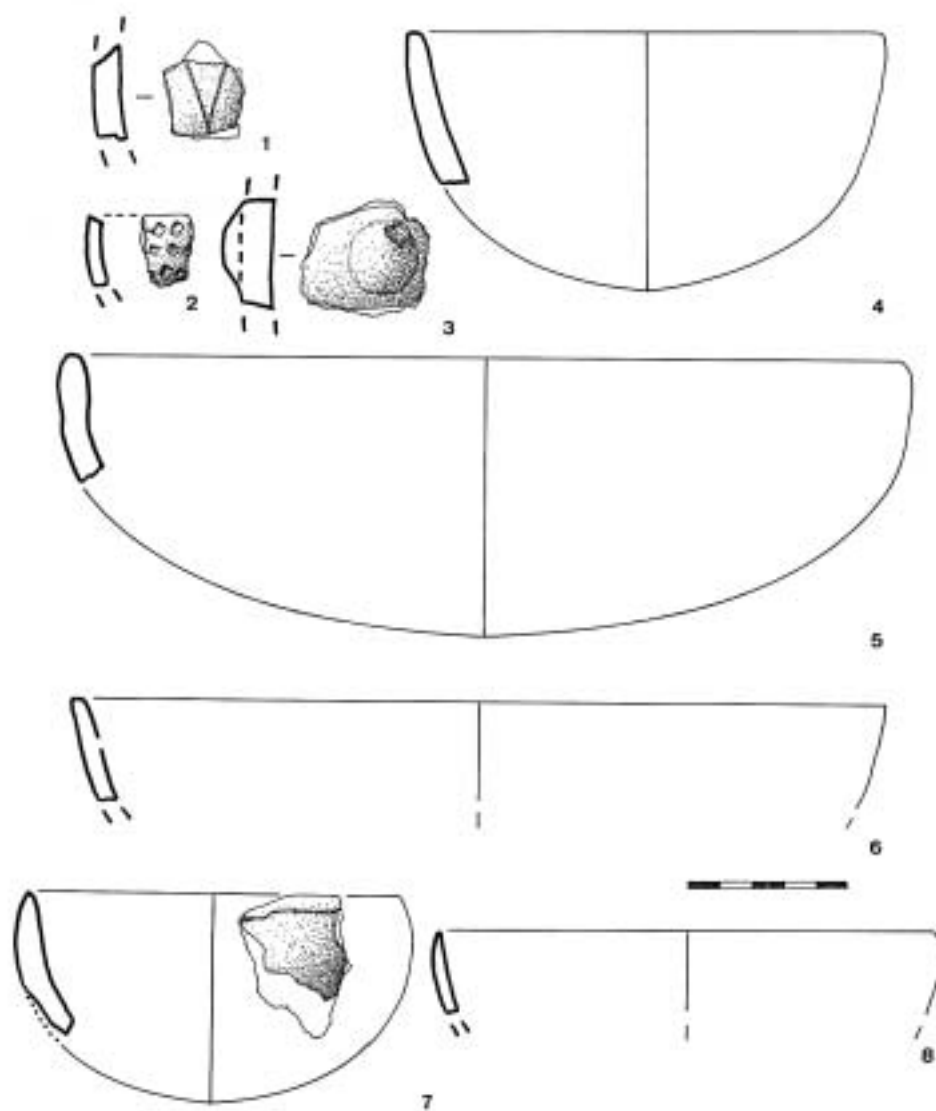


Fig. 15 Quinta da Torrinha. Cerâmica (escala em cm).

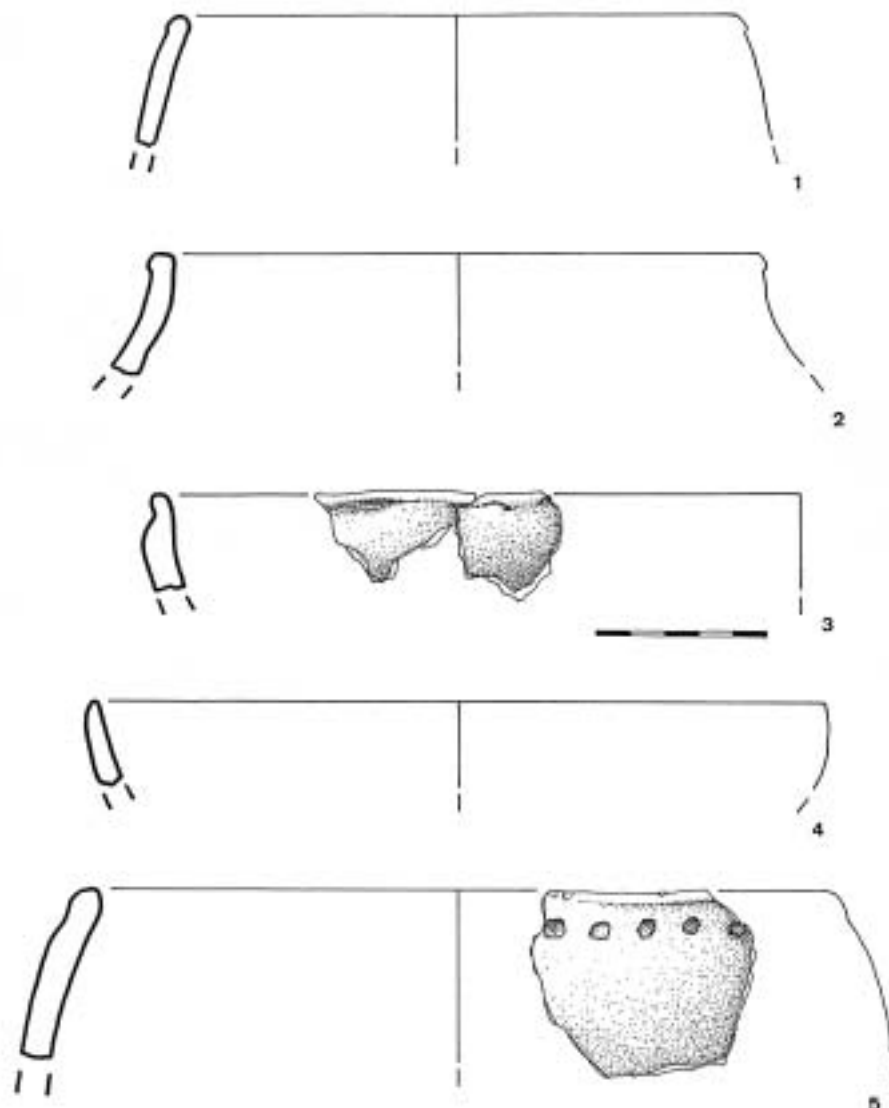


Fig. 16 Quinta da Torrinha. Cerâmica (escala em cm).

A Quinta da Torrinha apresenta um grande número de elementos de mós em pedra polida. No entanto, o facto de se encontrarem à superfície não permite associá-los a qualquer das ocupações registadas neste sítio — note-se que a ocupação neolítica revelou, em contexto fechado, um número também significativo de peças deste tipo (Carvalho, 1999). Outros materiais líticos recuperados são quatro machados em pedra polida, de superfície, e peças com sinais de uso (1 bigorna e 9 percutores).

O talhe da pedra (Quadro 2; Fig. 17), por seu lado, recorreu principalmente ao quartzo (79% do total) e ao cristal de rocha (15%) para a colocação em prática de dois principais sistemas técnicos. Um visava a exploração de núcleos bipolares, estando praticamente restrito ao cristal de rocha e dele resultando a produção de uma indústria sobre pequenas lascas e algumas lamelas; outro consistia na debitage aleatória de fragmentos de rocha, procedimento que resultou no abandono de núcleos informes, frequentemente apenas com dois ou três levantamentos de lascas.

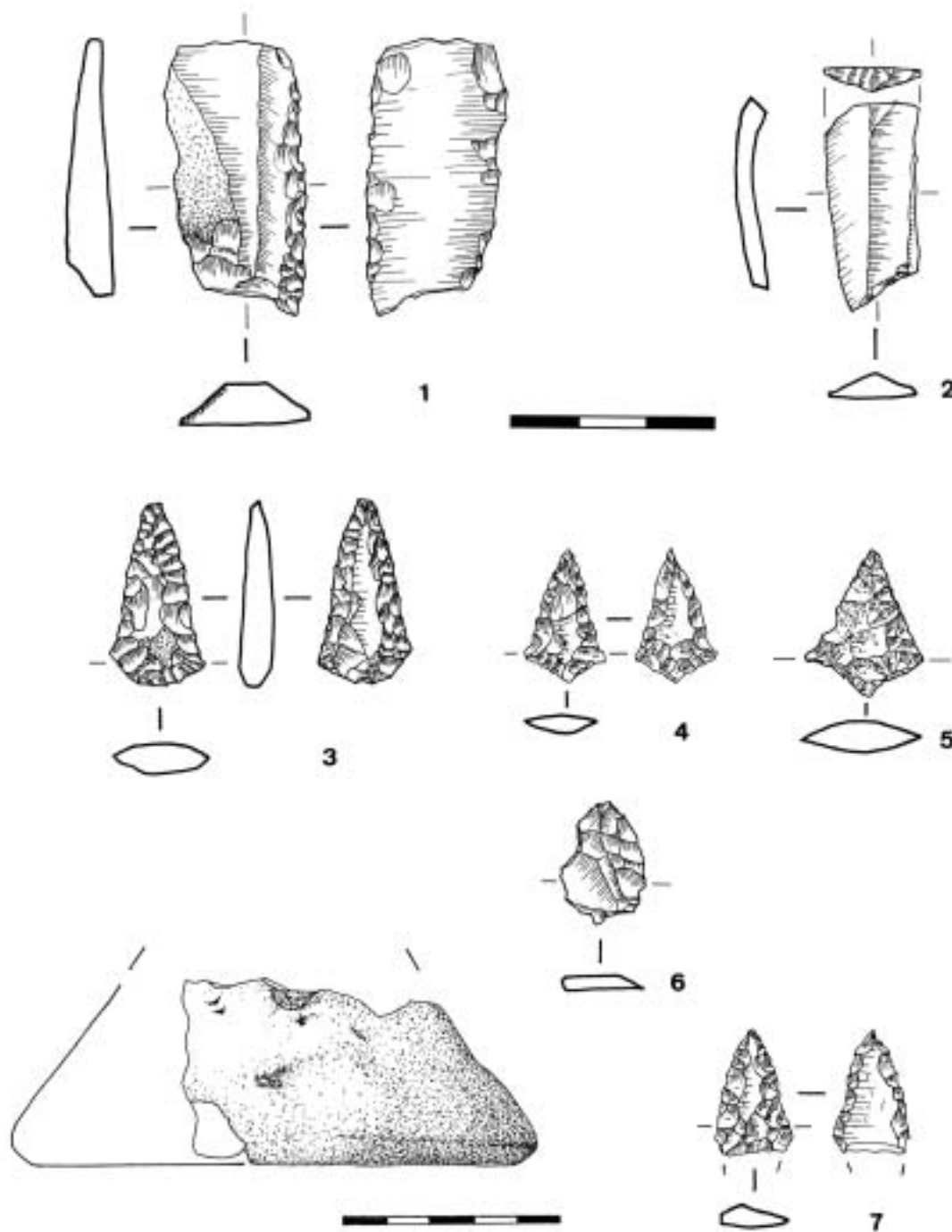


Fig. 17 Quinta da Torrinha. «Ídolo de cornos» e pedra lascada: 1. lâmina de sílex retocada, 2. lâmina de sílex truncada, 3. ponta de seta em sílex, 4. ponta de seta em quartzo translúcido, 5. ponta de seta em quartzo, 6. ponta de seta em cristal de rocha, 7. fragmento distal de ponta de seta em cristal de rocha (escala em cm).

Os utensílios apresentam um leque muito restrito de tipos (28 lascas retocadas ou com entalhes, 1 furador, 5 pontas de seta). O sílex era importado sob a forma de produtos alongados, e representa menos de 12% das rochas talhadas. As pontas de seta apresentam base com pedúnculo e aletas.

3.3. Cronologia

Na sua globalidade, todo o conjunto artefactual recolhido nos níveis calcolíticos dos dois sectores da Quinta da Torrinha encontram os melhores paralelos nos povoados do Cunho e do Barrocal Alto (Mogadouro), escavados por Sanches (1992), estando a ocupação calcolítica deste último datada de 4100 ± 60 BP (CSIC-728) e 4370 ± 45 BP (ICEN-414), isto é, a primeira metade do III milénio AC. Entre esses paralelismos ressaltam a baixa percentagem de recipientes decorados e o achado de «ídolos de cornos».

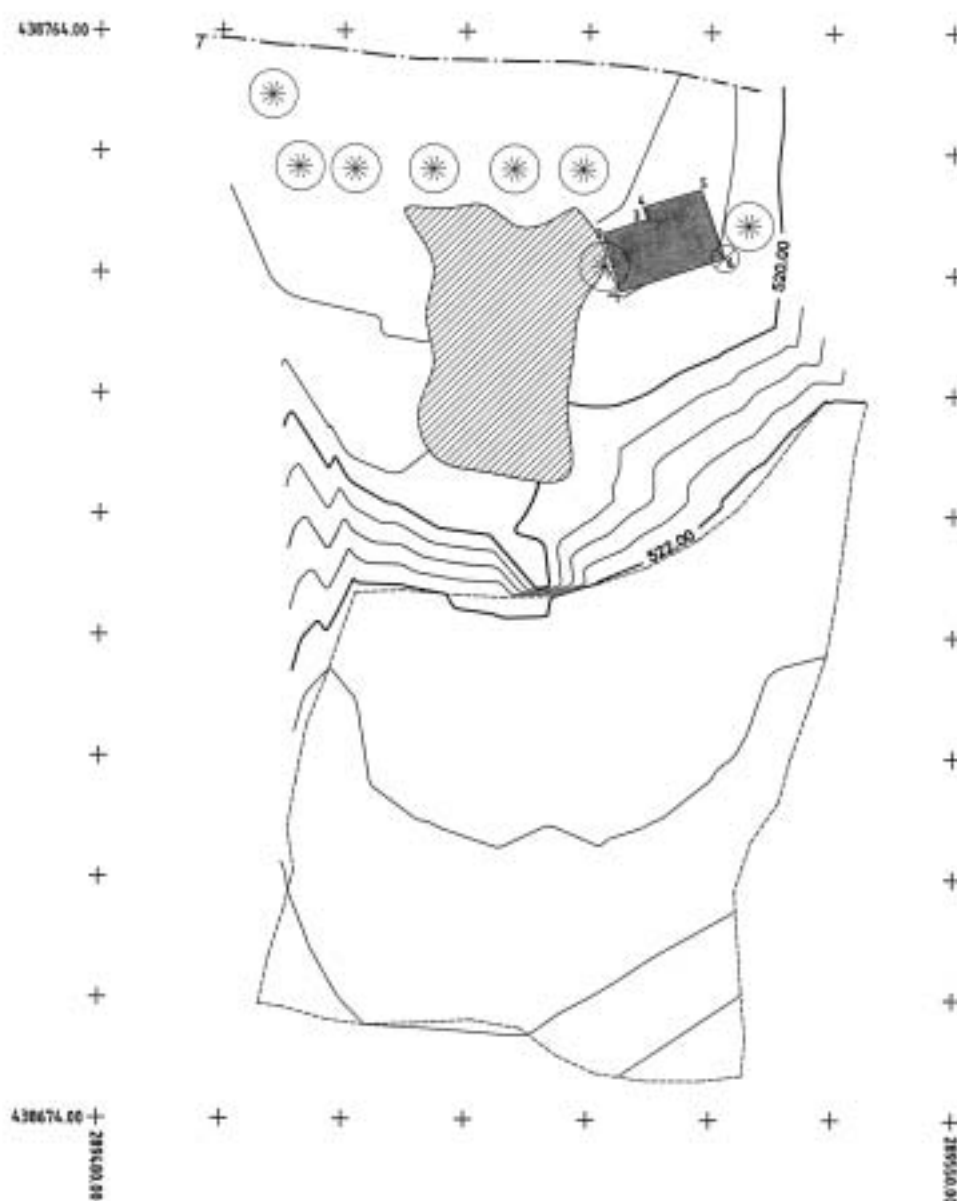


Fig. 18 Barrocal Tenreiro. Topografia.



Fig. 19 Barrocal Tenreiro. Foto de enquadramento tirada de Nascente, notando-se no canto esquerdo parte do *Locus* I, mais elevado, e do lado oposto a escavação no *Locus* II.

4. Barrocal Tenreiro

O Barrocal Tenreiro (Fig. 3) está localizado no planalto que se desenvolve entre o Côa e a Ribeira de Aguiar, o qual se caracteriza pelos inúmeros afloramentos graníticos, por vezes de proporções assinaláveis (Fig. 19).

Este sítio foi identificado em 1996 e então atribuído provisoriamente à Idade do Bronze (Aubry et al., 1997, p. 105). Em 1998 fizeram-se novas recolhas de superfície, o que permitiu isolar três *loci* correspondentes a outros tantos espaços diferenciados topograficamente. A poucos metros para Norte existe uma nascente que alimenta um subafluente da Ribeirinha.

O achado de materiais cerâmicos em bom estado de conservação no *Locus* II desencadeou a realização de trabalhos de escavação neste local (Fig. 18), os quais tiveram lugar em duas campanhas em 1998 e uma terceira em 2000.

4.1. Trabalhos realizados, estratigrafia e descrição das estruturas

Na primeira campanha procedeu-se, num primeiro momento, à abertura de quatro sondagens de 1 m² (quadrados D11, I11, D14 e I14; Fig. 20), as quais foram subsequentemente prolongadas através de duas valas de sondagem ortogonais (fiada H11-14 e fiada D-H14). Estes trabalhos resultaram na observação de que, para além do horizonte lavrado (camada 1) e do depósito sedimentar conservado (camada 2), se encontravam bolsas de sedimentos escuros no contacto

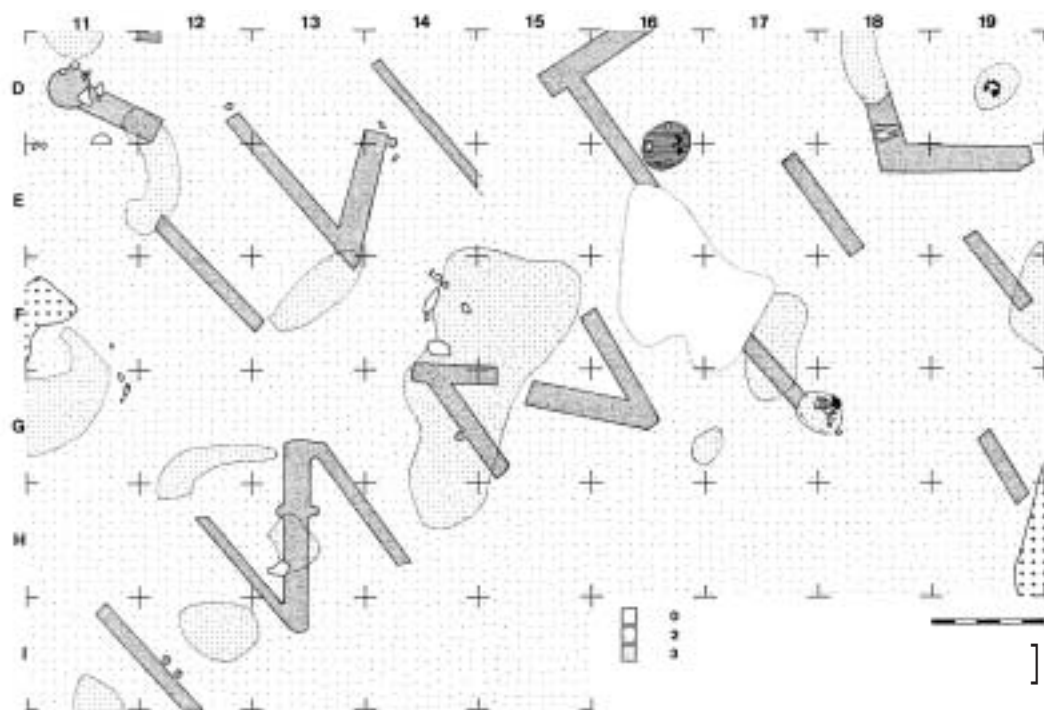


Fig. 20 Barrocal Tenreiro. Planta geral da área escavada com indicação das diversas estruturas identificadas (escala em cm).

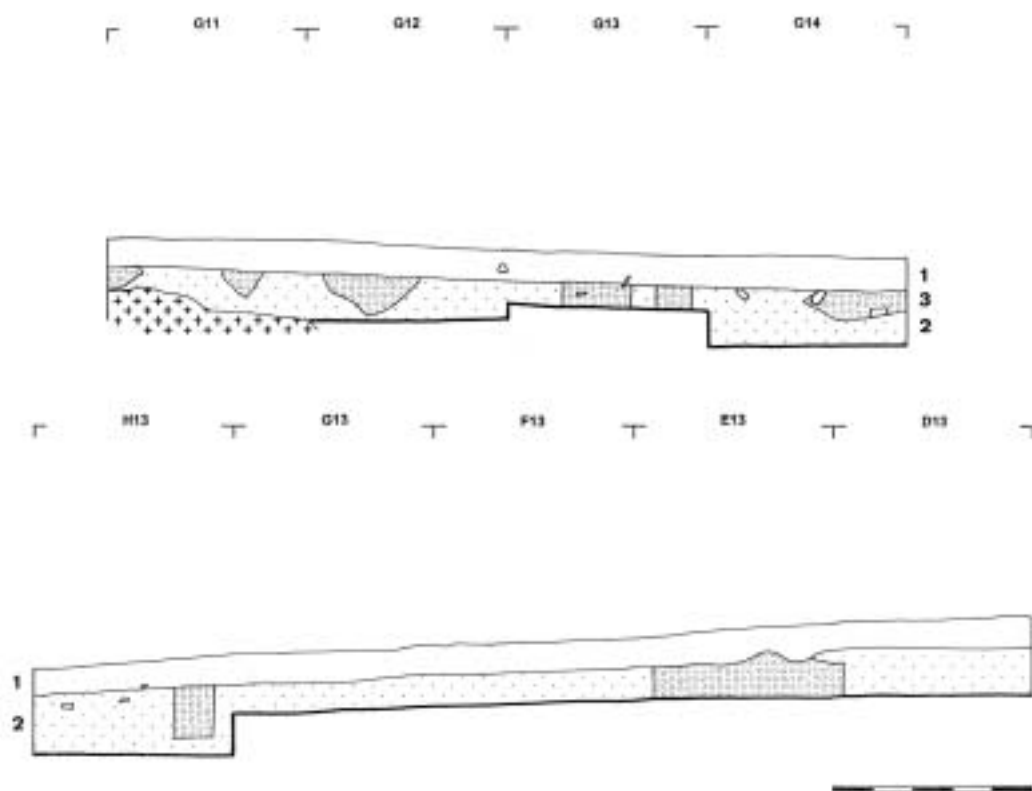


Fig. 21 Barrocal Tenreiro. Perfis estratigráficos (escala = 1 metro).

entre essas unidades estratigráficas (Fig. 21) e com quantidades muito significativas de artefactos pré-históricos (designadas, no seu conjunto, como camada 3).

Porém, além das referidas bolsas, identificaram-se sedimentos do mesmo tipo, mas com uma linearidade perfeita e extremidades terminando em ângulos rectos. Este padrão indiciava a possibilidade de estarmos perante restos de estruturas pré-históricas construídas em material perecível (madeira?), entretanto decompostos por acção química dos sedimentos envolventes. Assim, na segunda e na terceira campanhas procurou-se obter informação em área e em profundidade, respectivamente, com o objectivo de interpretar funcionalmente aquelas hipotéticas estruturas em madeira. A escavação em profundidade ocorreu nas fiadas 12 e 14 (Fig. 20). Nestes trabalhos identificou-se ainda uma pequena fogueira nos quadrados D-E/16, parcialmente sobreposta a uma porção dos referidos testemunhos eventuais de madeira, e cujos carvões viriam subsequentemente a ser datados do III milénio a.C., confirmando a idade pré-histórica do conjunto. A afirmação de que estes sedimentos consistem em estruturas antrópicas latentes assenta nas seguintes observações de terreno:

- Apresentam ângulos rectos perfeitos, observáveis em planta e em perfil (Figs. 21, 23 e 24), conformando manchas perfeitamente rectangulares; os seus comprimentos são variáveis (entre 75 cm e 170 cm), mas as larguras agrupam-se em conjuntos de 12-15 cm ou de 20-22 cm; trata-se de um padrão formal cuja origem não pode ser buscada em fenómenos geológicos ou biológicos.
- Apresentam uma distribuição espacial recorrente (Fig. 20), na qual as mais estreitas têm uma orientação NW-SE e as mais largas uma orientação N-S ou E-W; quando associadas configuram NN (em H13) ou NN quebrados (em E13 e G15).
- Junto às manchas rectangulares, encontram-se negativos circulares com cerca de 6 cm de diâmetro (quadrados I12, H13, D12, D14 e G14; Fig. 20), o que testemunhará a presença de pequenos postes de secção arredondada, possivelmente com o propósito de conferir maior estabilidade às estruturas de madeira, num total de sete ocorrências reconhecidas.
- Identificação de um buraco de poste em D11 (Fig. 20) com cerca de 35 cm de diâmetro e estruturado com alguns pequenos blocos de granito, reconhecível em escavação pela cratera aberta no granito de base aquando da sua erecção, pelo preenchimento do seu volume original com sedimentos exactamente iguais aos das manchas rectangulares, e pela cota da sua base (cerca de 10 cm abaixo da base do negativo de madeira que lhe está adossado).
- A recolha, junto às partes basais das estruturas, de 17 blocos de quartzo brutos e de artefactos sobre fragmentos de quartzo, intencionalmente talhados de modo a adquirirem uma extremidade aguçada (Fig. 25), os quais foram classificados como cunhas ou como núcleos, mas que teriam funcionado como calços para estruturas em madeira.

Por outro lado, para testar a hipótese da decomposição de matéria orgânica procurou-se obter confirmação independente através de análises comparativas entre sedimentos da camada 2 (areias amarelas) e destas estruturas (areias castanhas). Para este efeito, promoveu-se a realização de análises granulométricas, as quais demonstraram que ambos são semelhantes entre si em termos granulométricos, com cerca de 20% de seixos finos, 20% de siltes e argilas, e cerca de 60% de areias (Quadro 3; Fig. 26). O teor em matéria orgânica, contudo, indica valores ligeiramente superiores para os últimos, o que poderá corroborar a hipótese baseada nas observações



Fig. 22 Barrocal Tenreiro. Foto de pormenor das estruturas, obtida durante a sua decapagem.



Fig. 23 Barrocal Tenreiro. Foto das estruturas na parte Nascente da área escavada, durante os trabalhos de decapagem.

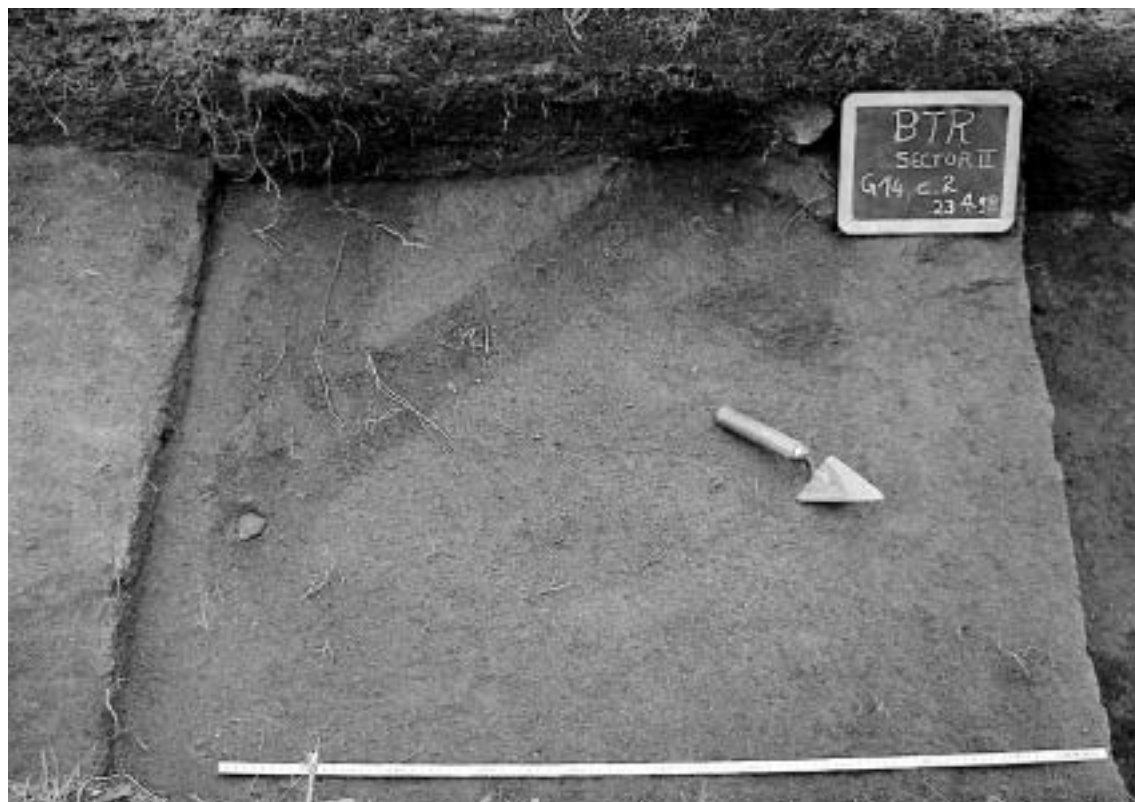


Fig. 24 Barrocal Tenreiro. Foto de pormenor das estruturas tal como evidentes no quadrado G24.

arqueológicas. Todavia, para definitiva confirmação desta hipótese, dever-se-á proceder a análises químicas das mesmas amostras.

A descrição estratigráfica do Barrocal Tenreiro é, em síntese, composta pelas seguintes entidades (Figs. 20 e 21):

- Camada 0: Areão branco compacto que emerge na metade Poente da área escavada, subjacente à camada 2 e, possivelmente, assente no granito de base.
- Camada 1: Horizonte lavrado, de cor bege, com cerca de 15 cm de espessura; contém materiais arqueológicos erodidos.
- Camada 2: Areias amarelas mais compactas e com materiais bem preservados, assentando no granito de base; a sua espessura é variável em função da topografia da superfície do terreno e do topo do substrato.
- Camada 3: Areias negras acumuladas em manchas/bolsas dispostas aleatoriamente no contacto entre a camada 1 e a camada 2; embalam grandes quantidades de materiais em bom estado de conservação; esta camada terá constituído o solo de habitat original, entretanto dismantelado pela erosão (daí a adopção da mesma designação para o conjunto destas ocorrências).

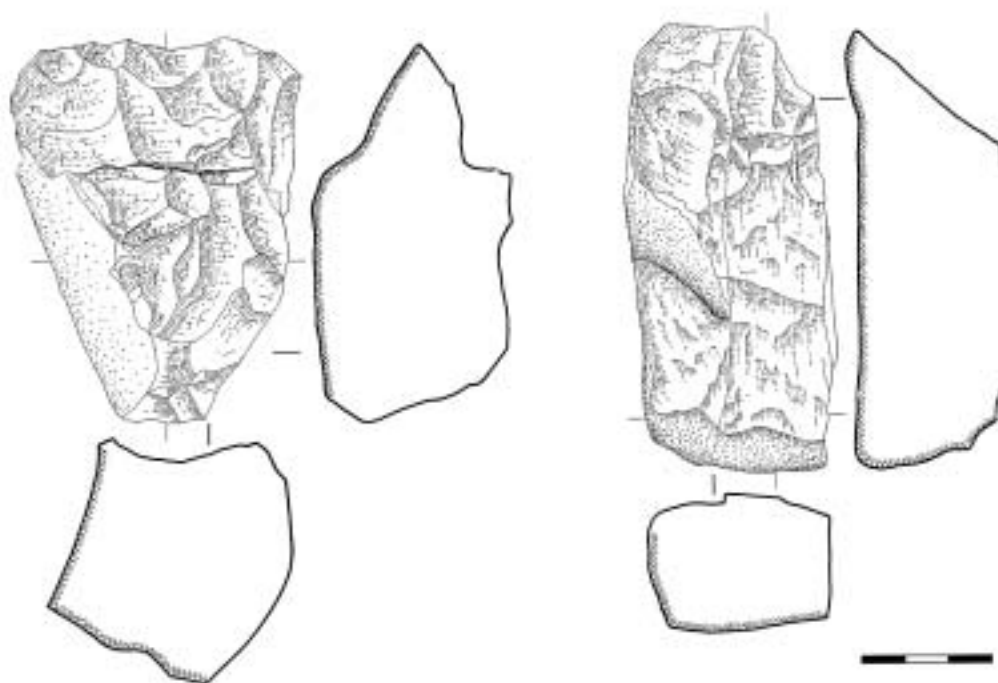


Fig. 25 Barrocal Tenreiro. Artefactos em quartzo interpretados como cunhas ou calços das estruturas em madeira (escala em cm).

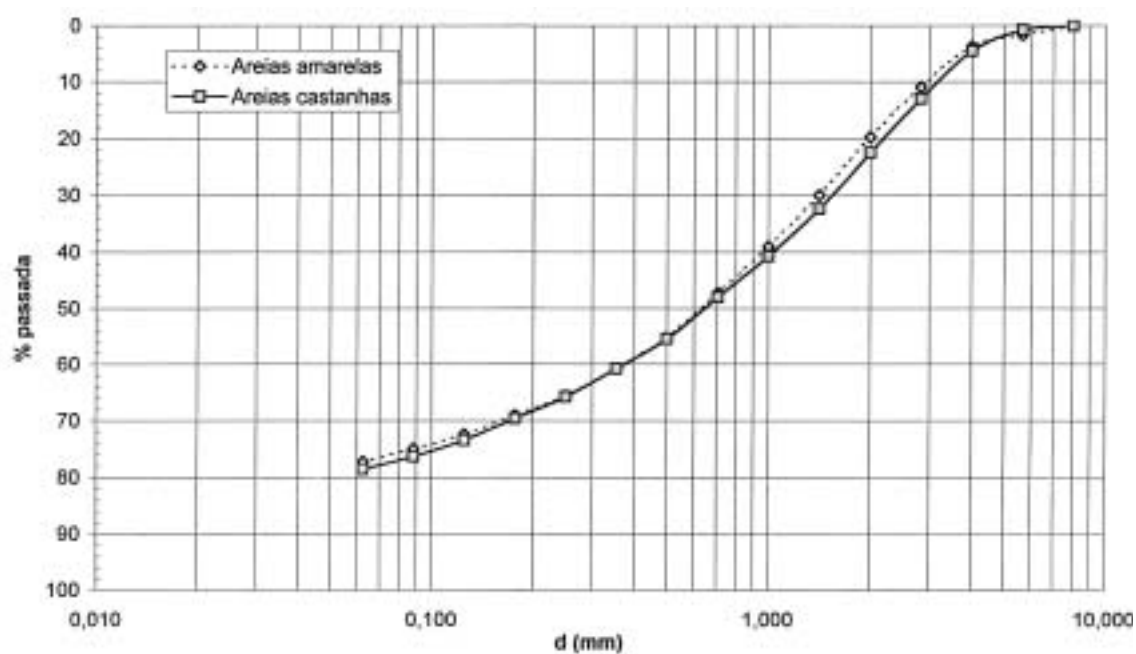


Fig. 26 Barrocal Tenreiro. Análise granulométrica de amostras de «areias amarelas» (ou camada 2) e das «areias castanhas» (sedimentos correlacionáveis com as estruturas em madeira).

Quadro 3. Barrocal Tenreiro. Análise granulométrica das «areias amarelas» (a.a.), e das «areias castanhas» (a.c.)							
<i>d (φ)</i>	<i>d (mm)</i>	<i>Peso a.a.</i>	<i>a.c.</i>	<i>Frequência (%)</i>		<i>Freq. acumulada (%)</i>	
				<i>a.a.</i>	<i>a.c.</i>	<i>a.a.</i>	<i>a.c.</i>
-3	8,000	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
-2,5	5,657	2,28	1,13	1,64	0,75	1,64	0,75
-2	4,000	2,87	5,67	2,06	3,75	3,69	4,50
-1,5	2,828	10,02	12,76	7,19	8,45	10,88	12,95
-1	2,000	12,28	14,30	8,81	9,47	19,69	22,42
-0,5	1,414	14,30	15,06	10,26	9,97	29,95	32,40
-0	1,000	12,66	12,54	9,08	8,30	39,03	40,70
0,5	0,707	11,47	11,08	8,23	7,34	47,26	48,04
1	0,500	11,12	11,11	7,98	7,36	55,24	55,40
1,5	0,354	7,62	8,07	5,47	5,34	60,70	60,74
2	0,250	6,76	7,54	4,85	4,99	65,55	65,74
2,5	0,177	4,83	5,75	3,46	3,81	69,02	69,54
3	0,125	4,69	5,73	3,36	3,79	72,38	73,34
3,5	0,088	3,58	4,34	2,57	2,87	74,95	76,21
4	0,063	3,14	3,41	2,25	2,26	77,20	78,47
	FUNDO	31,78	32,51	22,80	21,53		
	TOTAL	107,62	118,49	100,00	100,00		
	P (i)	139,40	151,00				

Matéria orgânica (Método do Dicromato): a.a. = 0,3%; a.c. = 0,9%

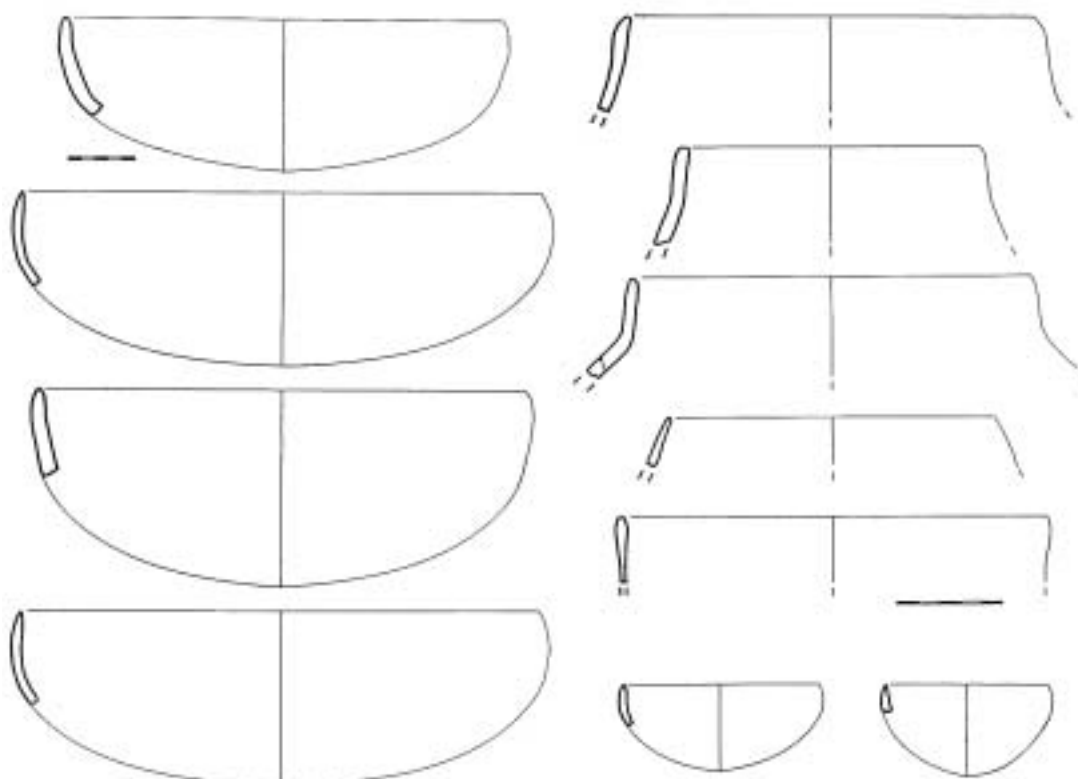


Fig. 27 Barrocal Tenreiro. Cerâmica lisa (escala em cm).

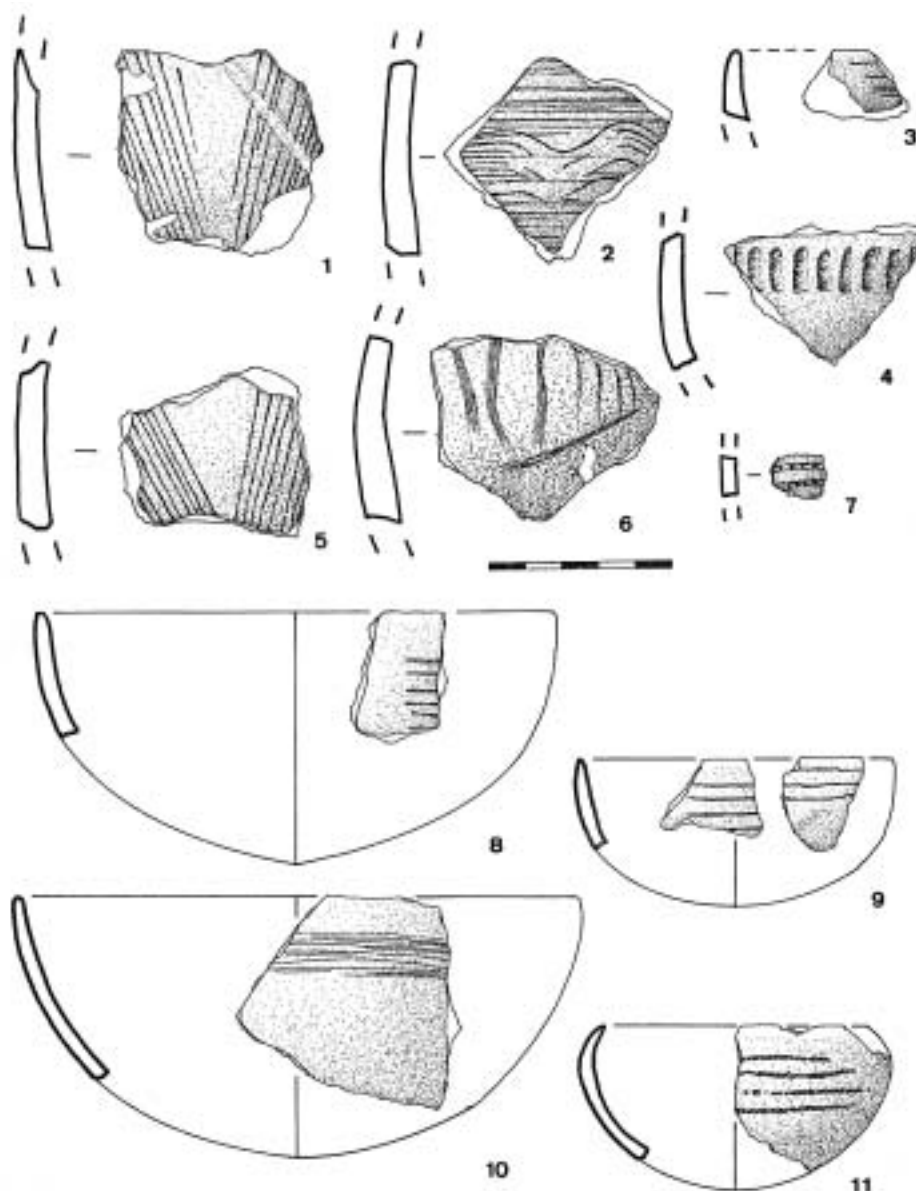


Fig. 28 Barrocal Tenreiro. Cerâmica decorada (escala em cm).

4.2. Componentes artefactuais

O inventário da indústria cerâmica do Barrocal Tenreiro está apresentado no Quadro 1. Através de reconstituição gráfica e de ensaios de remontagem, foi possível reconstituir integral ou parcialmente dezasseis vasos. A sua tipologia é composta principalmente por formas simples, comuns no Neolítico e Calcolítico da região (Fig. 27). Com efeito, salvo um vaso liso de paredes rectas, os restantes tipos são taças ou tigelas (11 exemplares), esféricos (1 exemplar) e globulares (3 exemplares). Não se registaram bases planas, formas carenadas ou formas de colo estrangulado. As decorações (Figs. 28 e 29) estão representadas em 13% dos vasos, o que, de um modo geral, está em perfeita concordância com a generalidade dos contextos calcolíticos do Baixo Côa. As técnicas e motivos decorativos podem organizar-se do seguinte modo:

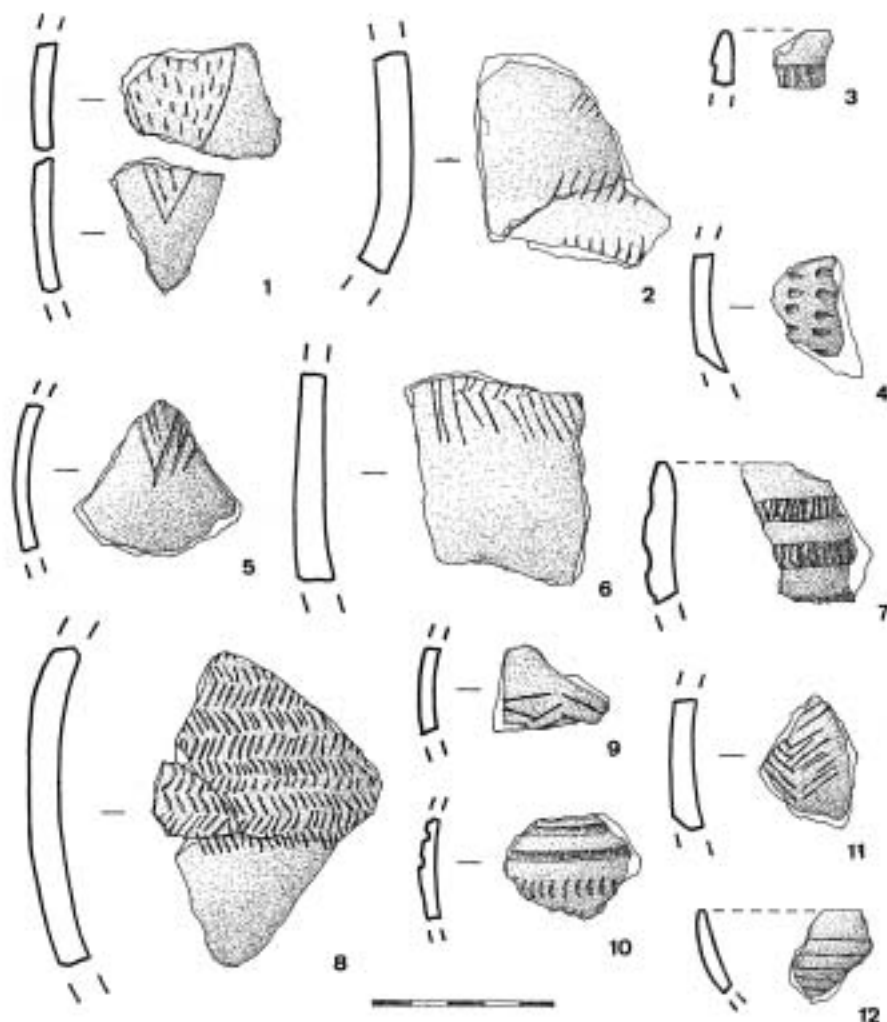


Fig. 29 Barrocal Tenreiro. Cerâmica decorada (escala em cm).

- impressões de várias matrizes (a pente, impressões a punção de ponta oval ou circular e ungulações) e puncionamentos simples (2 bordos e 12 bojos);
- puncionamentos arrastados (técnica de «boquique» e pente arrastado) (2 bordos e 10 bojos);
- incisões de vários tipos; nesta categoria reúnem-se linhas horizontais (7 bordos e 20 bojos), temas em «espinha» (5 bojos), linhas incisas cruzadas, de tipo reticulado (8 bojos), traços incisos avulsos (1 bojo e 1 bordo), traços incisos realizados com caules quebrados de gramíneas (2 bojos), e caneluras associadas a impressões (1 bojo);
- penteados incisos; tratam-se de incisões executadas com pente, organizadas em faixas rectas paralelas ao bordo (2 bordos e 11 bojos);
- triângulos incisos, preenchidos com impressões ou puncionamentos; por vezes estes temas característicos encontram-se com aplicação de pasta branca (4 bojos);
- faixas de linhas incisas convergentes, apontando para a base do vaso e formando VV (2 bojos).

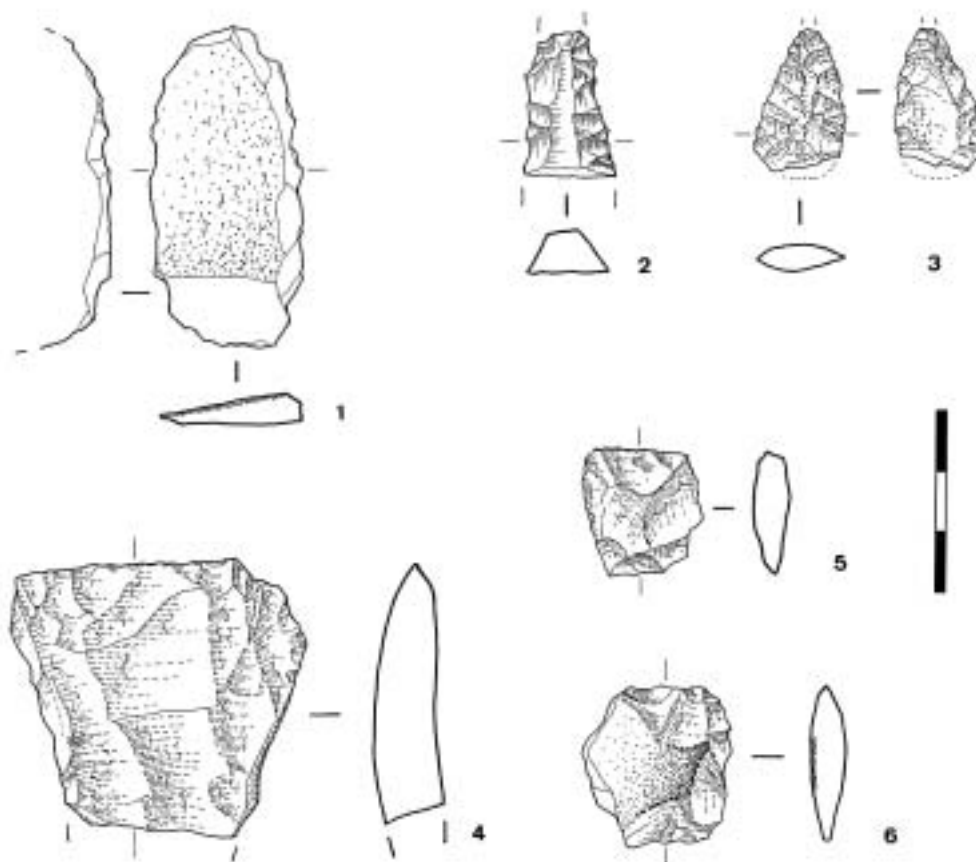


Fig. 30 Barrocal Tenreiro. Pedra lascada: 1. «lâmina» de xisto com dorso e retoque descontínuo no bordo oposto, 2. fragmento de espigão de furador ou broca sobre lâmina de sílex, 3. ponta de seta em quartzo; 4-6. peças esquiroladas em quartzo.

Não foram identificados quaisquer peças em pedra polida. Porém, a julgar pelos inúmeros exemplos documentados na região, é possível que nos muros que delimitam as propriedades envolventes se encontrem elementos de mós, conquanto ainda não identificadas. A recolha de dois percutores e duas bigornas com sinais de percussão, por seu lado, atestam actividades de martelamento de matérias duras.

A indústria lítica lascada é formada principalmente por quartzo leitoso (Quadro 2; Fig. 30). O sílex está representado apenas por um espigão de furador ou broca, sobre suporte laminar. O xisto aparece sob a forma de lascas sem sinais de talhe; no entanto, duas peças desta rocha estão retocadas nos bordos e notam-se claramente os bolbos da percussão empregue na sua debitage, o que testemunha sem margem para dúvidas a sua exploração para talhe, ainda que ocasional (Fig. 30, n.º 1). Estas peças configuram uma situação rara, mas que se encontra documentada regionalmente no Castelo Velho (Jorge, 1993).

Os núcleos em quartzo são principalmente de tipologia prismática e foram conformados sobre fragmentos angulosos (5 exemplares) ou sobre fragmentos de laje (2 exemplares) visando a extracção de lascas. Nos restantes sítios calcolíticos da região, os fragmentos angulosos de quartzo são explorados de forma aleatória e descontínua; no caso das peças do Barrocal Tenreiro, afectam uma parte seleccionada da superfície do suporte e o talhe é, de uma maneira recorrente, de muito boa factura. Entre a utensilagem retocada destacam-se as peças esquiroladas

(Fig. 30, n.ºs 4-6), com 10 exemplares, e as lascas retocadas, com 6 exemplares (40% e 24% do total dos utensílios, respectivamente). A forte presença de peças esquiroladas, que parecem efectivamente não ter funcionado como núcleos, implica a realização de actividades de trabalho de matérias brandas (p. ex., madeira).

4.3. Interpretação provisória das estruturas pré-históricas

As estruturas reconhecidas até ao momento podem ser agrupadas em três tipos distintos:

- negativos de estruturas horizontais supostamente em madeira;
- buracos de poste, de diversos diâmetros;
- pequena lareira, sem estruturação pétreia.

A total ausência de paralelos regionais para os restos das referidas estruturas em madeira dificulta a sua interpretação funcional. Com efeito, as estruturas de habitat conhecidas são em regra de planta circular ou oval e, quando se utilizam materiais de construção perecíveis, são edificadas a partir do levantamento de postes e não de traves ou barrotes dispostos na horizontal. Por outro lado, é frequente encontrarem-se grandes quantidades de «barro de cobertura de cabana»; todavia, no Barrocal Tenreiro recolheram-se somente dois pequenos pedaços pesando um total de apenas 12 g. Além daquela limitação, a leitura vertical daquelas estruturas, obtida em escavação, não permitiu apartar negativos de estruturas eventualmente *in situ* (cujas bases se posicionarão a cotas mais profundas) de negativos de elementos eventualmente derrubados (que se posicionarão a cotas superiores). Deste modo, são muito variadas as hipóteses interpretativas possíveis no estado actual dos nossos conhecimentos sobre o sítio, indicadas abaixo, mas igualmente difíceis de comprovar em face dos dados de terreno já obtidos. A opção sobre qualquer uma delas, ou a formulação de outras, só poderá efectuar-se perante o alargamento da escavação ou a publicação de contextos com evidências do mesmo tipo que tenham condições de conservação contextual mais favoráveis.

- Estruturas de habitação. Esta é a hipótese que normalmente se teria como a mais óbvia; porém, a inexistência de espaços úteis entre os negativos identificados obriga, por ora, à sua exclusão.
- Quebra-ventos. Esta hipótese parece improvável face à impossibilidade de existência de qualquer contexto a proteger do vento; com efeito, tendo em consideração a actual orientação predominante dos ventos (do quadrante NW ou N-NW), a topografia rochosa do local nunca terá permitido a implantação de cabanas ou outras construções atrás dos negativos hoje observáveis no terreno.
- Celeiros (de tipo «espigueiros», em madeira). A aparente inexistência de espaços utilizáveis no interior dos negativos das estruturas sugere que estamos perante infraestruturas ou sapatas, sobre as quais assentariam construções em material perecível (madeira? colmo?), possivelmente utilizadas para armazenamento de bens putrescíveis, de que seriam exemplo cereais.

4.4. Cronologia

Os materiais cerâmicos recolhidos apontam para o Calcolítico pleno regional. Com efeito, além de temas decorativos inespecíficos (incisões várias, impressões simples, puncionamentos), encontraram-se ainda técnicas organizadas em motivos com algum sentido cronológico (p. ex., triângulos preenchidos, penteados incisos, espinhas incisas). De acordo com a sequência estratigráfica do Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela), estas decorações ocorrem no seu nível I (Sanchez, 1997). Os motivos metopados, sobejamente representados naquele abrigo, não foram identificados no Barrocal Tenreiro.

Segundo as datações disponíveis, aquela ocupação do Buraco da Pala ocorreu em meados do III milénio a.C. A datação obtida para a lareira do Barrocal Tenreiro (Beta-137942: 4010±40 BP), sobre carvões de espécies indeterminadas, embora não cubra em perfeição aquele intervalo de tempo, aponta genericamente para a mesma fase de desenvolvimento do Calcolítico do Alto Douro.

5. Castelo de Algodres

O Castelo de Algodres (Fig. 3) está implantado em torno de um *tor* granítico que constitui um acidente topográfico que se destaca claramente nesta parte do planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar (Fig. 32). Na inexistência de um topónimo para este local concreto, decidiu-se adoptar o topónimo vizinho «Castelo», que se refere na realidade a uma elevação a menos de um quilómetro a Nordeste onde, apesar das prospecções realizadas, não foi possível identificar qualquer vestígio que o justifique.

A paisagem envolvente do sítio do Castelo de Algodres é aplanada, pelo que daqui se pode vislumbrar toda a região, desde a Serra da Marofa, que marca o limite Sul do Baixo Côa, até ao Monte de S. Gabriel, que se ergue a Norte. Os solos, de substrato granítico, têm uma cobertura sedimentar de um modo geral delgada, composta por sedimentos arenosos. A rede hidrográfica consiste em afluentes sazonais daqueles cursos de água, entre os quais se destaca a Ribeirinha. Salvo algumas vinhas, a ocupação agrícola da área é, hoje em dia, quase nula. No entanto, há não muito tempo era praticada uma horticultura de auto-consumo nas margens da Ribeirinha, hoje reservadas para o pastoreio de ovinos e caprinos.

À data da descoberta, o sítio encontrava-se já quase totalmente destruído, não só por uma estrada de acesso ao referido depósito de água, como também pela terraplanagem do terreno envolvente (Fig. 31). Este facto condicionou a extensão e duração dos trabalhos.

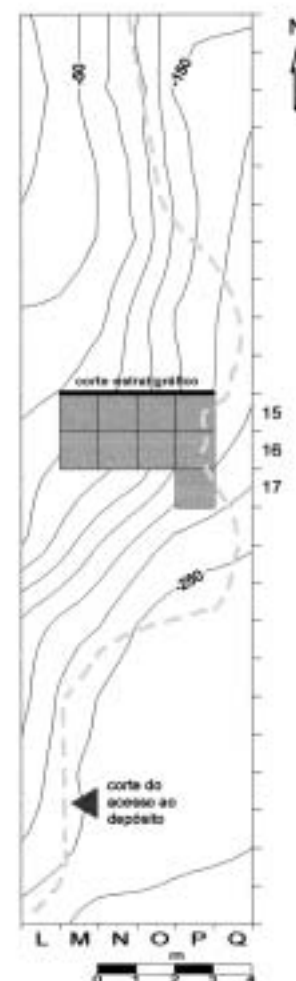


Fig. 31 Castelo de Algodres. Topografia.



Fig. 32 Castelo de Algodres. Foto de enquadramento tirada de Norte. Note-se o aplanado da região e, no centro da imagem, o pequeno *tor* granítico no sopé do qual se realizou a escavação. Ao fundo, a Serra da Marofa.

5.1. Trabalhos realizados e estratigrafia

Perante a quase total destruição do sítio, a intervenção arqueológica consistiu apenas na realização de recolhas de superfície tão aturadas quanto possível em toda a área, na crivagem das terras acumuladas pelos referidos trabalhos de terraplanagem, e na abertura de uma escavação, necessariamente pequena, na porção remanescente do povoado. Originalmente o sítio deveria apresentar, porém, um elevado grau de preservação. Neste sentido aponta, não só a grande dimensão de alguns fragmentos cerâmicos, como também o facto de ter sido possível realizar algumas remontagens entre cacos provenientes de recolhas de superfície.

A escavação, que teve lugar em 1997, incidiu no rebordo do caminho de acesso ao depósito de água, na aba Nascente do *tor*, onde a acumulação de sedimentos era maior (Fig. 31). A sua potência oscila entre os 10 cm junto à base do *tor* e os 60 cm na parte mais afastada. Estas terras formam um depósito sem qualquer diferenciação estratigráfica interna e assentam directamente no granito de base (Fig. 33). Tratam-se de sedimentos soltos, muito pulverulentos, de cor castanha escura, embalando alguns blocos graníticos de grandes dimensões (> 40 cm) e clastos distribuídos uniformemente em toda a espessura da camada. A cerca de 40 cm de profundidade, no quadrado O15, detectou-se um nível muito denso de barro de revestimento de cabana associado a pequenas lajes de xisto. Esta observação, ainda que condicionada pela pequenez da área preservada, sugere que teria existido uma cabana encostada aos blocos de granito aí existentes, ou que esta se localizava originalmente na aba rochosa do *tor*.

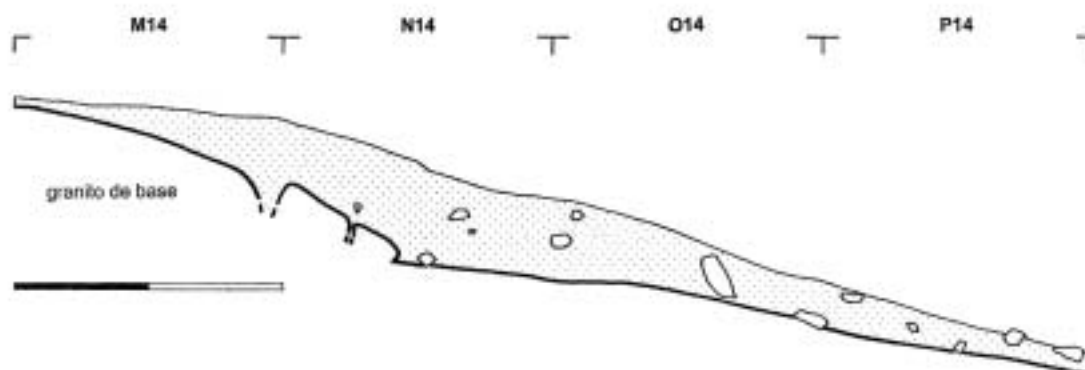


Fig. 33 Castelo de Algodres. Corte estratigráfico (escala = 1 m).

5.2. Componentes artefactuais

A análise da composição formal dos recipientes cerâmicos permitiu determinar a presença de apenas três formas principais (Fig. 34): taças ou tigelas, com 5 exemplares; esféricos, com 2 exemplares; e globulares, com 3 exemplares. Mais uma vez, estamos perante um padrão que não foge ao panorama que se desenha nos restantes sítios calcolíticos da região. As peças decoradas perfazem 20% do número mínimo de recipientes. Os tipos decorativos, no entanto, são quase totalmente compostos por penteados incisos organizados em vários motivos, e que somam 93% do total dos fragmentos decorados. Para os restantes tipos decorativos, vejam-se as peças ilustradas sob os n.ºs 5, 8 e 9 da Fig. 35, e sob o n.º 2 da Fig. 36. Além dos fragmentos de vasos, recolheu-se ainda, à superfície, um fragmento de peso de tear que originalmente deveria apresentar morfologia subparalelipipédica com quatro perfurações para suspensão.

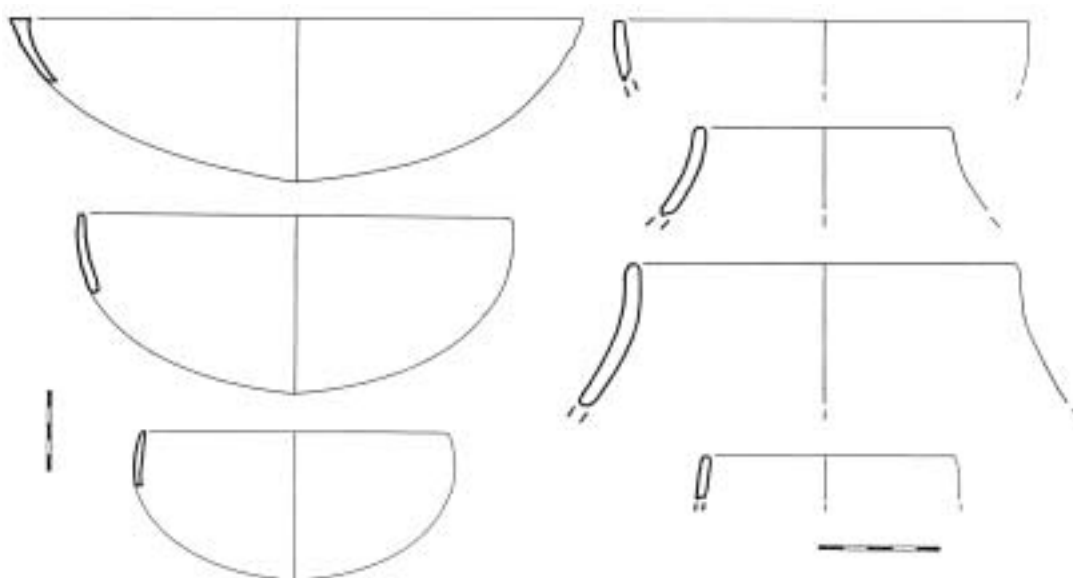


Fig. 34 Castelo de Algodres. Cerâmica lisa (escala em cm).

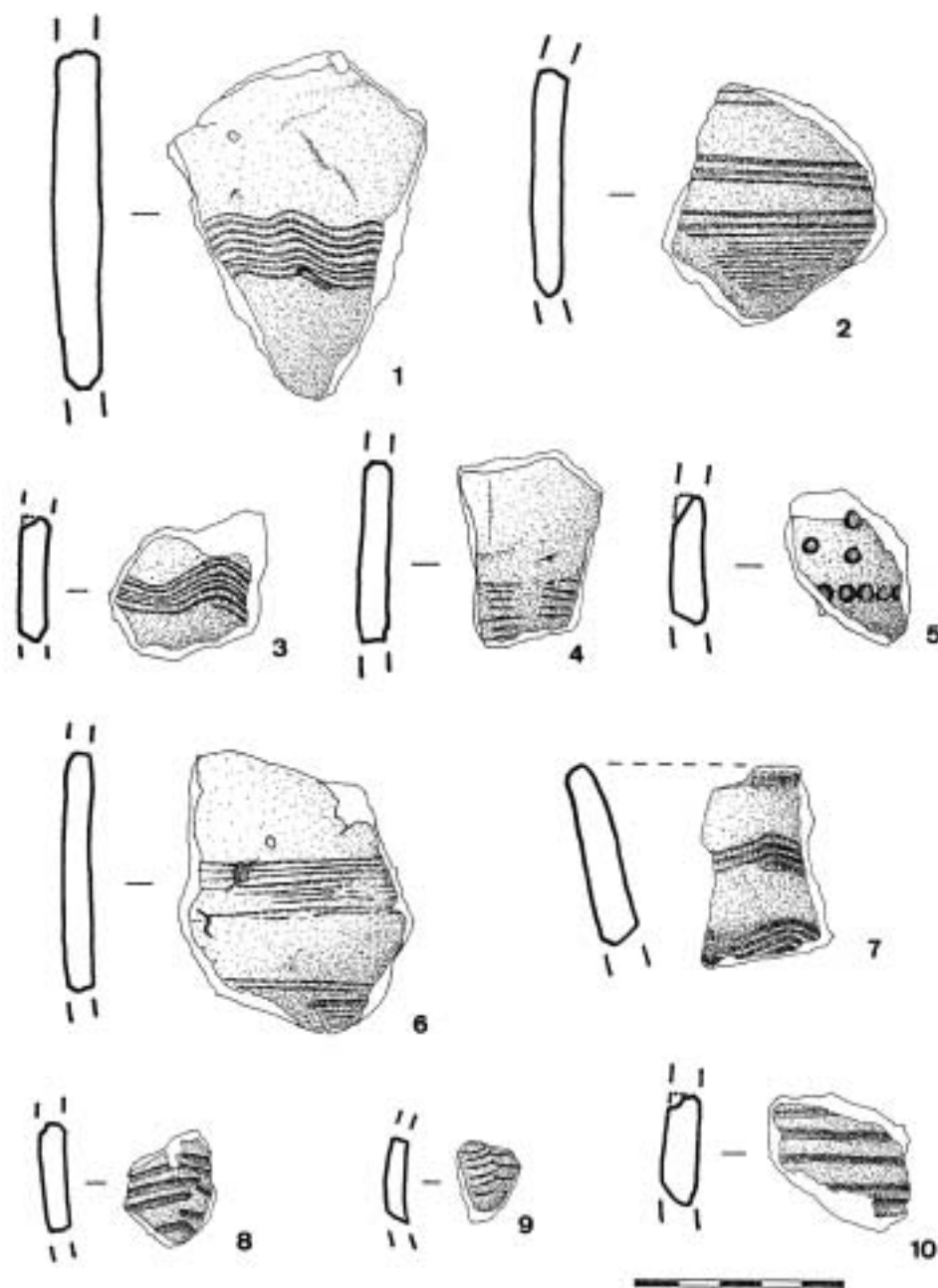


Fig. 35 Castelo de Algodres. Cerâmica decorada (escala em cm).

Na indústria em pedra lascada tem particular expressão o quartzo (Quadro 2). Trata-se de um conjunto essencialmente sobre lasca, cujo pequeno número de núcleos não permite determinar quais os esquemas técnicos empregues. A única peça laminar é um fragmento mesial em sílex. Os utensílios, por seu lado, são de elaboração muito simples (lascas com retoques marginais ou com entalhes). Associados a este conjunto lítico, encontram-se ainda oito percutores sobre seixos de quartzo e quartzito.

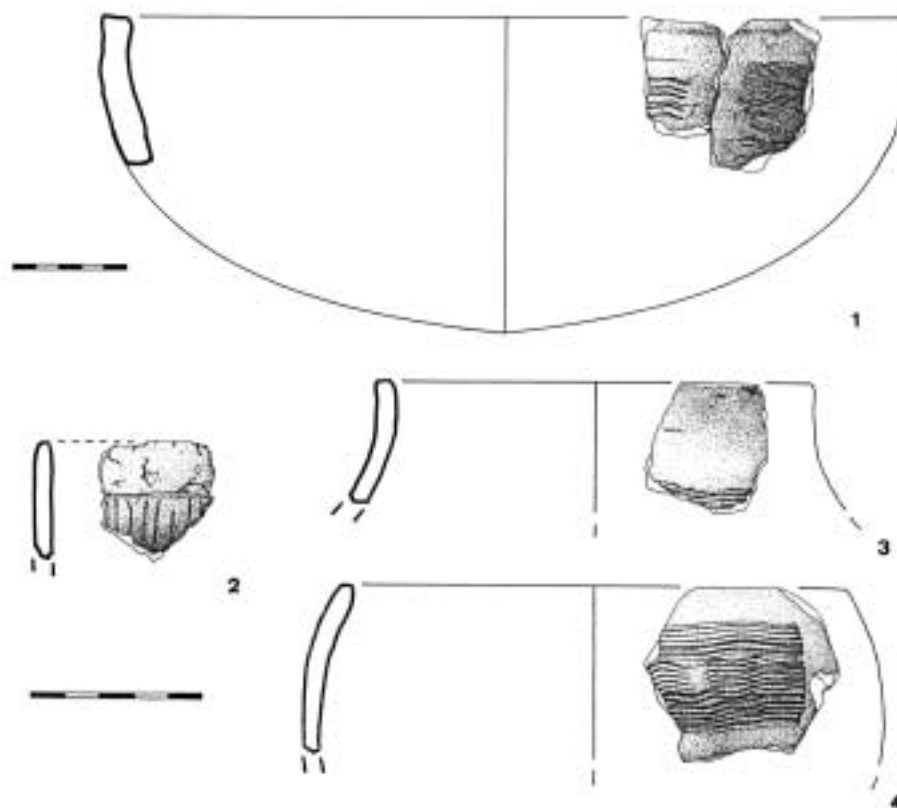


Fig. 36 Castelo de Algodres. Cerâmica decorada (escala em cm).

5.3. Cronologia

A cerâmica do Castelo de Algodres tem, como se referiu, um índice de decoração de quase 20%, sendo os tipos decorativos, no entanto, quase totalmente compostos por penteados organizados em vários motivos. Por outro lado, as formas cerâmicas são relativamente simples, não ocorrendo vasos campaniformes nem elementos típicos do início da Idade do Bronze regional (p. ex., bases planas, cordões, mamilos, formas carenadas). Nas camadas 3 e 4 do vizinho Castelo Velho de Freixo de Numão estão presentes conjuntos cerâmicos que partilham estas características gerais do Castelo de Algodres (Jorge, 1993; Cruz, 1995; Botelho, 1997). No nível I do Buraco da Pala, em Mirandela, a cerâmica exumada apresenta também uma predominância das decorações penteadas aplicadas sobre formas semelhantes às do Castelo de Algodres, a que se adicionam apenas alguns exemplares de vasos que evocam a morfologia da cerâmica campaniforme (Sanches, 1997). A Sul, no Alto Mondego, têm também sido assinalados vários contextos arqueológicos equiparáveis, estando o sítio da Malhada, em Fornos de Algodres, já datado radiometricamente (Valera, 2000). Estes contextos paralelizáveis com o Castelo de Algodres apresentam datações absolutas de meados do III milénio a.C., ou, talvez mais precisamente, do segundo quartel desse milénio, numa etapa que se vindo a considerar o final do Calcolítico. Uma vez que foi impossível recolher elementos passíveis de datação absoluta no Castelo de Algodres, é possível concluir, em face destes paralelos, que será esta também a cronologia genérica do sítio.

6. Contribuição para o conhecimento dos IV e III milénios a.C. no Baixo Côa

6.1. *Crono-estratigrafia*

Ossítios arqueológicos da Pré-História recente do PAVC não forneceram infelizmente sequências estratigráficas significativas para o estabelecimento da cronologia relativa dos vários momentos de ocupação do Baixo Côa. Esta limitação ficou bem patente na descrição individual desses contextos, cuja atribuição cronológica só pôde ser ensaiada através de comparações entre as suas componentes artefactuais com as de outros sítios da Beira Alta e do Leste de Trás-os-Montes ou através de datação absoluta, sempre que para isso se reuniam condições. A única excepção a este panorama é a Quinta da Torrinha, onde as escavações revelaram uma estratificação mais completa e permitiram isolar duas ocupações, atribuídas ao Neolítico antigo e ao Calcolítico inicial. Uma dificuldade adicional é a longa diacronia de vários tipos decorativos cerâmicos, facto que limita a construção do faseamento interno da Pré-História recente desta região.

Na parte ocidental do concelho de Vila Nova de Foz Côa, porém, estão actualmente em estudo, por equipas da Universidade do Porto, três contextos muito importantes cujas estratigrafias abrangem vários séculos e que, agora conjugados com a informação dos sítios do PAVC, permitem a elaboração de um primeiro quadro crono-estratigráfico detalhado. Tratam-se dos sítios do Castelo Velho (Jorge, 1993, 1998a, 1998b; Jorge e Rubinos, 2002) e do Prazo (Rodrigues, 2000, 2002), em Freixo de Numão, e do Castanheiro do Vento (Jorge et al., 2002), na Horta do Douro, os quais serão citados adiante a propósito de vários aspectos.

No quadro crono-cultural da Pré-História regional, um dos factos mais significativos foi a identificação e datação de ocupações epipaleolíticas/mesolíticas no sítio do Prazo, o que demonstra inquestionavelmente o povoamento humano durante as fases iniciais do Holocénico. Por seu lado, o Neolítico antigo, que se terá iniciado na região nos inícios do V milénio a.C., conta com um maior número de contextos (Fig. 2) — os níveis superiores do Prazo, a Quinta da Torrinha e as Quebradas (Carvalho, 1999). Há, no entanto, duas observações recentemente adquiridas que sugerem uma datação mais recente para o último sítio: (1) os paralelos para a cerâmica com decorações caneladas, indicados atrás a propósito do Tourão da Ramila, apontam para cronologias de finais do V e inícios do IV milénio a.C.; (2) a semelhança tipológica entre a cerâmica da Quinta da Torrinha e a do Prazo. Assim, as Quebradas deverão mais provavelmente datar de uma fase média do Neolítico regional, enquanto o Tourão da Ramila conforma o final do Neolítico, datado da segunda metade do IV milénio a.C. (Quadro 4; Fig. 37), apresentando ainda cerâmica canelada, mas estando já ausentes os micrólitos geométricos.

O Megalitismo é quase desconhecido no Baixo Côa (p. ex., Leisner, 1998). O cruzamento de informações de vários tipos (informações orais, prospecção arqueológica, documentação histórica) permitiram todavia presumir a existência até à década de 1960 de monumentos megalíticos na Tapada da Lameira, Mancheia e Chão Redondo (Coixão, 2000 e prospecções PAVC), entretanto destruídos. Todas estas referências se localizam no Planalto das Chãs/Santa Comba, pelo que esta área surge assim como um potencial espaço «necropolizado» durante o Neolítico e onde, a par desta hipótese, ocorrem os únicos contextos de habitat neolíticos do PAVC (Fig. 2).

A fase inicial do Calcolítico da área do PAVC parece caracterizar-se pelos triângulos incisos preenchidos com impressões ou puncionamentos, ou temas em espinha, sendo raros ou mesmo ausentes os penteados incisos. As formas dos recipientes são variantes da esfera, por vezes com colos mais ou menos acentuados. Os contextos pertencentes a esta fase são a segunda ocupação da Quinta da Torrinha e o Barrocal Tenreiro (Fig. 3), cuja cronologia absoluta se sobrepõe à pri-

meira metade do III milénio a.C. (Quadro 4; Fig. 37). Outros sítios do PAVC inseríveis neste Calcolítico inicial são Vale da Veiga I e Curva da Ferradura (Fig. 3).

Embora ainda não comprovado em definitivo sobre sequências estratigráficas num mesmo sítio, parece seguir-se à fase anterior um período de expansão de cerâmica decorada com penteados incisos, por vezes com predomínios esmagadores em termos percentuais (Calcolítico pleno/final). No Baixo Côa constituem, com efeito, o tipo decorativo predominante no Castelo de Algodres e nas camadas 3 e 4 do Castelo Velho (Jorge, 1993; Cruz, 1995; Botelho, 1997), e, de acordo com os resultados da prospecção, este tipo específico está ainda bem representado no Curral da Pedra, Vale do Mateus/Gamoal e N.^a Sra. de Urros (Fig. 3). Tendo sido impossível proceder à datação do Castelo de Algodres, a cronologia absoluta disponível regionalmente limita-se às datas do Castelo Velho (Jorge, 1993; Jorge e Rubinos, 2002), as quais se distribuem ao longo do III milénio a.C. e primeira metade do seguinte (Quadro 4; Fig. 37); no entanto, socorrendo-se também das datações do nível I do Buraco da Pala, em Mirandela (Sanches, 1997), e da ocupação mais antiga da Malhada, em For-nos de Algodres (Valera, 2000), pode concluir-se provisoriamente que esta fase cobrirá essencialmente o segundo e terceiro quartéis do III milénio. Deve referir-se que não foi até ao momento identificado qualquer contexto com cerâmica campaniforme no PAVC. Este tipo particular de cerâmica é, com efeito, relativamente raro no Baixo Côa, conhecendo-se a sua ocorrência, segundo Jorge (2002), apenas no Castelo Velho (campaniforme cordado) e no Castanheiro do Vento (campaniforme marítimo). Todavia, a sua cronologia exacta é ainda uma questão em aberto.

Quadro 4. Datações absolutas para contextos da Pré-História recente da região do Baixo Côa					
Contexto	Amostra	Ref. Lab.	Datação BP	cal BC (2 sigma) (a)	Bibliografia
CASTELO VELHO (b)					
c. 4	carvões	ICEN-535	4170±110	3020-2465	Jorge e Rubinos (2002)
c. 3	carvões	Sac-1518	4130±80	2885-2493	
	carvões	ICEN-785	4110 ± 60	2877-2495	
	carvões	GrN-23512	4020±100	2875-2290	
	carvões	ICEN-536	3980±120	2875-2145	
	carvões	ICEN-1165	3990±110	2870-2200	
	carvões	CSIC-1706	4073±45	2861-2473	
	carvões	Ua-17647	3945±75	2829-2201	
	carvões	Ua-17648	3850±75	2551-2043	
	carvões	CSIC-1655	3917±34	2471-2293	
	carvões	ICEN-1170	3660±130	2455-1690	
	carvões	ICEN-1164	3520±110	2140-1530	
	carvões	CSIC-1333	3650±28	2135-1925	
	carvões	ICEN-1168	3420±120	2025-1440	
c. 2/3	carvões	CSIC-1713	3302±50	1729-1453	
c. 2	carvões	ICEN-885	3570±100	2200-1640	
	carvões	Sac-1519	3250±50	1681-1415	
	carvões	GrN-23507	3150±45	1519-1317	
PRAZO					
Sector 1, c. 4a	carvões	CSIC-1514	7353±50	6377-6079	Rodrigues (2000)
Sector 1, c. 4	carvões	CSIC-1515	4730±43	3637-3375	
Sector 7, c. 4 (lareira)	carvões	CSIC-1422	6502±34	5515-5371	
VALE DA CERVA					
Sepultura infantil	ossos humanos	GrN-8402	4140±50	2865-2601	Cruz (1998)
TOURÃO DA RAMILA					
c. 4	Cistus e Cytisus	Beta-137944	4450±40	3337-2923	inédita
BARROCAL TENREIRO					
Lareira	carvões	Beta-137942	4010±40	2827-2461	inédita

(a) Segundo o *Groningen Radiocarbon Calibration Program - Cal25* (Stuiver e Van der Plicht, 1998).

(b) Indicam-se apenas as datações que os autores consideram corresponder às observações arqueológicas efectuadas na escavação das respectivas camadas.

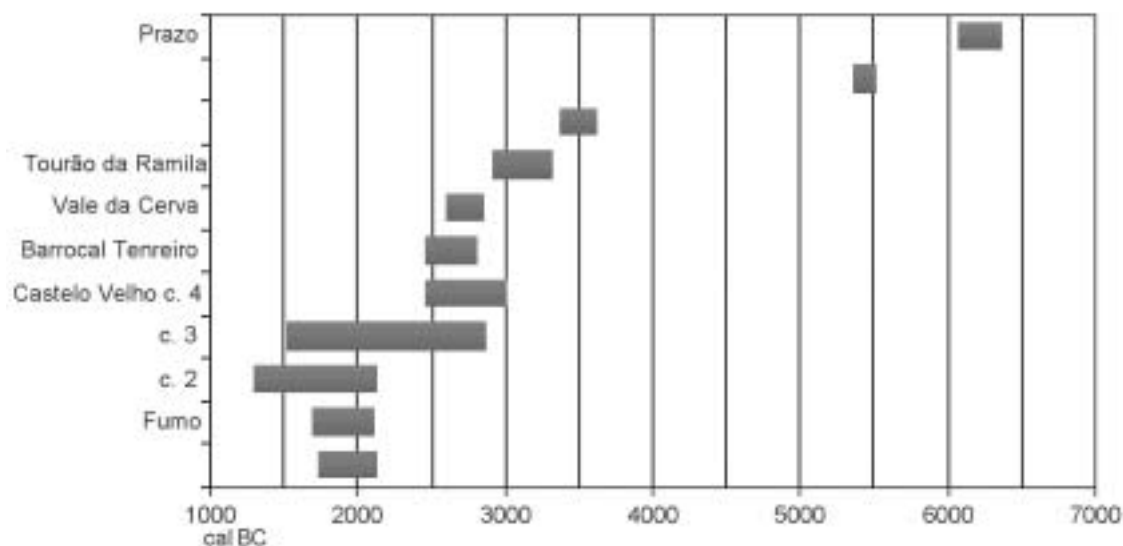


Fig. 37 Representação gráfica das datações absolutas para a Pré-História recente do Baixo Côa. Indicam-se também, para efeitos comparativos, as duas datas inéditas do povoado do Bronze pleno do Fumo (Carvalho, s.d.). Todas as barras representam datas singulares, com excepção das referentes às camadas 3 e 2 do Castelo Velho, que representam a soma de probabilidades a 2 *sigma* das respectivas datações indicadas no Quadro 4.

6.2. Registos da ocupação do território

O conjunto dos trabalhos arqueológicos empreendidos no Baixo Côa pode, pela unidade ecológico-geográfica da região, pelo carácter sistemático das investigações empreendidas, e pela diversidade de registos da ocupação do território, constituir um caso de estudo para o entendimento da multiplicidade de processos que estarão na origem da «calcolitização» do território peninsular.

Em termos paleoeconómicos, todavia, o registo arqueológico disponível regionalmente permite a abordagem a esta questão sobretudo a partir da análise da implantação e morfologia dos povoados, da reconstituição dos sistemas de povoamento, e das características e transformações operadas na cultura material, designadamente ao nível da produção cerâmica e lítica. Efectivamente, outros elementos significativos, como a pastorícia e a agricultura, a metalurgia ou a tecelagem, estão mal representados ou, por vezes, apenas de forma indirecta.

De facto, nos sítios do PAVC não se reconheceu evidência segura de metalurgia nem de artefactos em metal (a possível identificação de escória na Quinta da Torrinha não foi confirmada) e a tecelagem está presente apenas no Castelo de Algodres e no Curral da Pedra através de escasos fragmentos de pesos de tear. Estes artefactos estão, no entanto, presentes no Castelo Velho, onde se terá identificado uma «área de tecelagem» (Jorge, 1998b), e no Castanheiro do Vento (Jorge et al., 2002).

Algumas facetas importantes da economia destas comunidades podem ser reveladas através dos sistemas de aprovisionamento em matérias-primas líticas. Assim, através da Fig. 38 pode-se observar o uso predominante do quartzo leitoso e hialino durante o Neolítico (Quebradas, Quinta da Torrinha e Tourão da Ramila) e o início do Calcolítico (Quinta da Torrinha), e o peso importante que o quartzito detém nas ocupações mais tardias (Barrocal Tenreiro, Castelo de

Algodres e Fumo). Nestes casos, porém, deve notar-se que entre o quartzito se conta uma porção variável mas sempre significativa de termoclastos, o que contribui para criar a ilusão de qualquer transformação neste domínio no decorrer do III milénio. Na realidade, este predomínio do quartzo reflecte, antes de mais, condicionalismos de ordem geológica, pois esta rocha é de aprovisionamento fácil, existindo por vezes nas próprias imediações dos sítios arqueológicos. A análise das rochas menos utilizadas ilustra também esta situação: por exemplo, a riolite apresenta um peso relativo mais elevado no Castelo Algodres e Quinta da Torrinha devido ao facto de estes sítios se encontrarem nas proximidades de um filão dessa rocha.

É na importação de sílex que se identificam, com efeito, modificações tecno-económicas importantes na passagem do Neolítico para o Calcolítico. Como se pôde demonstrar anteriormente (Carvalho, 1999), no Neolítico o sílex era transportado para a região em quantidades maiores e sob a forma de núcleos pré-formados. O padrão observável no Calcolítico indica que esta rocha é mais rara e circula sob a forma de lâminas robustas em bruto e/ou de utensílios já acabados (por exemplo, facas, pontas de seta, perfuradores).

Os dados faunísticos calcolíticos da região resumem-se aos encontrados nas camadas 3 e 4 do Castelo Velho — *Ovis aries* (4 restos) e mamíferos indeterminados (3 restos) — publicados por Antunes (1995), aos quais se podem adicionar as peças ósseas de *Ovis* e/ou *Capra*, *Sus* e *Bos* encontradas na «estrutura ritual» (Jorge, 1998b). Este facto não permite, como é natural, extrair quaisquer conclusões significativas sobre a gestão dos recursos animais durante este período.

As actividades agrícolas estão apenas evidenciadas indirectamente, através dos numerosos elementos de mós e nas potencialidades dos solos envolventes dos sítios. De facto, os restos botânicos que os contextos do PAVC ofereceram não incluem evidência de práticas agrícolas. Os carvões recolhidos permitem apenas uma reconstituição muito genérica das condições bioclimáticas durante o III milénio a.C. (Queiroz e Van Leeuwen, 2003), a qual parece obter confirmação na antracologia do Castelo Velho, onde também não se recolheu evidência directa de agricultura nos níveis calcolíticos (Figueiral, 1998, 1999). De acordo com estes trabalhos, parece estarmos perante matas de tipo mediterrâneo semelhantes às actuais, dominadas por *Quercus* (carvalho português, azinheira e carrasco) a par de ericáceas, cistáceas e leguminosas de tipo *Cytisus*, cuja presença pode indicar uma intervenção humana na paisagem, ainda que de cronologia e amplitude indetermináveis.

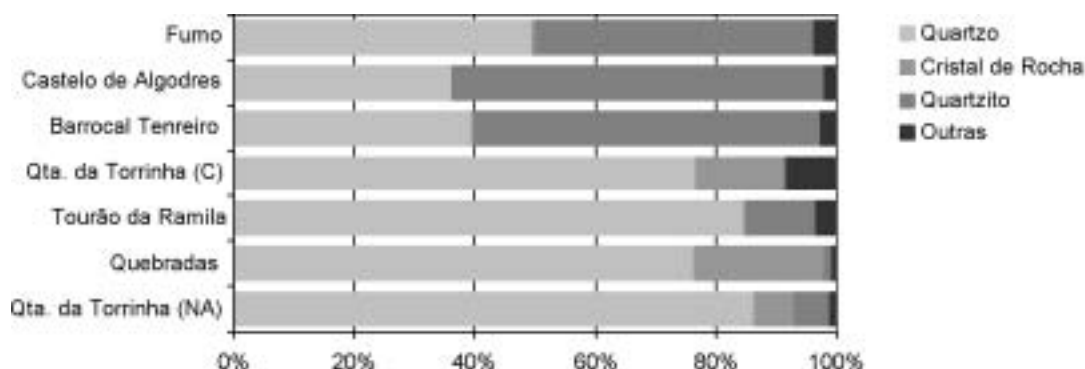


Fig. 38 Matérias-primas líticas dos povoados da Pré-História recente do PAVC (valores ponderais). Incluíram-se os contextos neolíticos de Quebradas e Quinta da Torrinha (Carvalho, 1999) e do Bronze pleno do povoado do Fumo (Carvalho, s.d.) para efeitos comparativos.

Embora se revista de um carácter especulativo, é provável que o mais antigo impacto na paisagem remonte às fases iniciais do Neolítico (V milénio a.C.), tendo-se acentuado a partir do III milénio a.C. Há, com efeito, evidências no sentido de um brusco aumento da pressão humana na região com o advento das sociedades calcolíticas, sendo o dado fundamental o aumento do número de sítios na passagem do Neolítico para o Calcolítico (compare-se, a este propósito, as Figs. 2 e 3) e o seu carácter mais permanente neste último período. Efectivamente, os quatro sítios neolíticos conhecidos até ao momento significam uma média de um sítio fundado em cada 500 anos; inversamente, os treze sítios que terão sido fundados em época calcolítica e no início da Idade do Bronze resultam numa média de um sítio por cada 77 anos! Por outro lado, há evidência que permite considerar as ocupações neolíticas como tendo sido relativamente efémeras, eventualmente sazonais (Carvalho, 1999) — trata-se de sítios ocupando áreas muito pequenas, com níveis arqueológicos delgados e baixas densidades de materiais, sem estruturas construtivas elaboradas, sendo as respectivas composições artefactuais típicas de comunidades com elevado grau de mobilidade (p. ex., indústrias líticas «curadas», equipamentos cerâmicos de pequena volumetria, etc.). Durante o Calcolítico, o registo arqueológico é bastante distinto. Os sítios ocupam, por regra, áreas mais extensas e terão incluído estruturas edificadas mais duradouras e mais complexas arquitectonicamente (muralhas em pedra, fossas, grandes quantidades de «barro de revestimento», etc.) e incompatíveis com sistemas de povoamento de mobilidade acentuada. Como exemplos, atente-se na arquitectura observada no Castelo Velho, no Castanheiro do Vento ou mesmo no Barrocal Tenreiro. Por outro lado ainda, a volumetria da indústria cerâmica calcolítica é notoriamente superior à neolítica, o que pode indicar também um maior índice de sedentarização. É crível que a introdução de factores de alteração neste panorama, como a conservação diferencial dos contextos (em que os neolíticos seriam mais facilmente obliterados do registo arqueológico por processos erosivos ou pelo uso subsequente do solo), ou limitações inerentes à prospecção arqueológica (como o mais fácil reconhecimento superficial de sítios calcolíticos), não modifique de forma substancial esta tendência.

Um padrão locativo recorrente dos povoados calcolíticos é a proximidade a ribeiras mais caudalosas ou a nascentes e, em simultâneo, a solos arenosos. Os exemplos mais marcantes desta situação são o Castelo de Algodres e o Barrocal Tenreiro, localizados no Planalto de Almendra / Algodres (Fig. 3). Este planalto, com efeito, é cruzado pela Ribeirinha e seus afluentes e apresenta uma cobertura arenosa que se adequaria bem a uma ocupação agrícola primitiva. Posições de destaque topográfico encontram-se no Castelo Velho, Castanheiro do Vento e em N.^a Sra. de Urros. Os fundos dos vales mais encaixados e as plataformas intermédias não parecem ter sido ocupados de forma permanente, mas antes apenas de modo pontual e, quando muito, relacionado com a exploração agrícola de pequenas parcelas ribeirinhas. Não deixa de ser interessante assinalar, neste contexto, os sítios implantados sobre a escarpa que bordeja a depressão da Longroiva, cujas cronologias se distribuem do Neolítico antigo/médio ao Bronze pleno (Figs. 2 e 3). Este facto pode estar a denunciar uma escolha deliberada desta linha de transição orográfica para proporcionar a exploração simultânea do Planalto de Chãs/Santa Comba, onde não há cursos de água importantes, e daquela depressão, bem irrigada pelos afluentes da parte montante da Ribeira de Piscos.

Esta oposição entre a ocupação permanente das terras altas e o despovoamento dos fundos dos vales não pode, porém, ser entendida somente em termos paleoeconómicos. Outros elementos constantes no registo arqueológico convergem no sentido de uma maior complexidade de fenómenos de ordem cultural actuando sobre esta oposição — trata-se das práticas funerárias e da arte rupestre.

Efectivamente, as duas necrópoles de cistas conhecidas na região localizam-se precisamente em terraços de cotas baixas (Fig. 3), o que indica que o espaço sepulcral organizado e individualizado se distancia do espaço de habitação e se confina a ambientes paisagísticos restritos, encaixados nos vales, e junto às margens dos principais rios. Tratam-se, em concreto, das necrópoles de Vale da Casa ou Vale da Cerva (Pocinho, Vila Nova de Foz Côa) e de Malhadaís (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo). O primeiro sítio foi intervencionado no início da década de 1980 aquando dos trabalhos de levantamento de emergência da arte rupestre proto-histórica por ocasião da construção da Barragem do Pocinho (Baptista, 1983), tendo sido recentemente datado da primeira metade do III milénio a.C. (Cruz, 1998). O segundo sítio foi identificado no curso inferior do Rio Águeda no decorrer dos trabalhos de prospecção do PAVC. Consiste numa necrópole aparentemente do mesmo tipo formal, onde se reconheceram nove mamoadas, oito das quais já parcial ou totalmente violadas.

Do mesmo modo, a arte rupestre neo-calcolítica também parece circunscrever-se ao fundo do Vale do Côa, designadamente junto às confluências dos seus pequenos afluentes, os quais constituem por vezes, ainda hoje, as únicas vias de acesso ao fundo do vale. Esta localização recorrente parece marcar as «entradas» deste território específico (Fig. 3), mais restrito não só económica como também simbolicamente. Esta questão específica e as suas consequências para o entendimento da Pré-História recente do Vale do Côa foi desenvolvida noutra local (Carvalho e Baptista, 2002).

De um modo geral, e a título de conclusão, os dados disponíveis parecem indicar um maior arraigamento das populações calcolíticas ao seu território imediato em termos económicos, tendência que se torna mais marcante quando se estabelecem comparações com as suas predecessoras neolíticas. Outros indícios apontam para que estes territórios sejam também mais restritos, não só no domínio das estratégias de subsistência, mas também em termos sociais e simbólicos. Neste sentido concorre, como se referiu, o padrão de localização espacial das necrópoles e da arte rupestre, o qual ganha maior significado se entendido no âmbito da reinterpretação do povoado fortificado do Castelo Velho enquanto «local monumentalizado» (Jorge, 1998a, 1998b). Aceitando-se esta interpretação, o Castelo Velho, assim como o Castanheiro do Vento e talvez a N.^a Sra. de Urros, deverão ser entendidos como detentores de um significado particular na rede de povoamento em que se inserem, sendo que essa rede se encontra materializada nos diversos povoados abertos da área do PAVC, aqui apresentados. A modelização global da ocupação calcolítica do Baixo Côa só pode, portanto, considerar-se plenamente atingida quando formulada de modo a incorporar e articular a totalidade destes diversos vectores de abordagem (povoados abertos e «murados», espaços funerários, arte rupestre), que só para propósitos analíticos tem sentido considerar separadamente.

Nota final e agradecimentos

Parte dos resultados publicados neste trabalho é devida a outras entidades e investigadores, a quem agradeço a colaboração. Os levantamentos topográficos do Tourão da Ramila, Quinta da Torrinhã e Barrocal Tenreiro foram da responsabilidade de uma equipa da empresa ERA-Arqueologia, Lda. As análises granulométricas de sedimentos do Barrocal Tenreiro foram realizadas por Isabel Real no Centro de Geologia da Universidade de Lisboa, para as quais se contou com a colaboração de Fernando Real, do Instituto Português de Arqueologia. As estampas de pedra lascada foram desenhadas por Fernanda Sousa, tendo as restantes sido desenhadas pelo Autor.

Gostaria ainda de agradecer a Carla Magalhães, do Parque Arqueológico do Vale do Côa, toda a colaboração que prestou, à distância, durante a elaboração do presente trabalho.

As escavações arqueológicas aqui apresentadas nunca poderiam ter sido realizadas se não se tivesse podido contar com a participação empenhada e entusiasta de inúmeros estudantes de Arqueologia, nacionais e estrangeiros, aos quais quero expressar os meus maiores agradecimentos.

NOTAS

- * Universidade do Algarve
F.C.H.S., Campus de Gambelas
8000-117 Faro
E-mail: afcarva@ualg.pt
- ¹ A este propósito, deve mencionar-se a existência de dois importantes sítios atribuíveis ao Bronze final no Baixo Côa: Castelão (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo) e Castelo de Cidadelhe (Cidadelhe, Vila Nova de Foz Côa).
- ² Embora não esteja incluído na área de estudo da Pré-História do PAVC, refira-se o sítio do Calcolítico final de N.ª Sra. de Belém (Fonte Longa, Mêda), identificado por uma equipa do PAVC que procedia a prospecções de Arqueologia medieval, sob a direcção de A.C.P. Lima. Trata-se de um cabeço xistoso em cuja vertente Nascente se recolheu perto de uma centena de fragmentos cerâmicos, na decoração dos quais predominam os penteados.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M.T. (1995) - Jazida de Castelo Velho (Freixo de Numão). Elementos arqueozoológicos. In *I Congresso de Arqueologia Peninsular*, VI. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Trabalhos de Antropologia e Etnologia; 35:2), p. 451-455.
- ANTUNES, M.T.; CUNHA, A.S. (1998) - Restos humanos do Calcolítico-Idade do Bronze de Castelo Velho de Freixo de Numão (Foz Côa, Portugal). Nota preliminar. In *Foz Côa, ano 2000. Cultura e Património*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa (Côavisão; 0), p. 35-42.
- AUBRY, T.; CARVALHO, A.F. (1998) - O povoamento pré-histórico no Vale do Côa. Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997). In *Foz Côa, ano 2000. Cultura e Património*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa (Côavisão; 0), p. 23-34.
- AUBRY, T.; CARVALHO, A.F.; ZILHÃO, J. (1997) - Arqueologia. In J. ZILHÃO, ed. - *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, p. 74-209.
- BAPTISTA, A.M. (1983) - O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, p. 57-69.
- BOTELHO, I.J. (1997) - Dos cacos e dos vasos. O «Castelo Velho» de Freixo de Numão, na charneira do IIIº - IIº mil. a.C. *II Congresso de Arqueologia Peninsular*, II. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 401-416.
- CARVALHO, A.F. (1998) - Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa. In A.C.P. LIMA, org. - *Terras do Côa, da Malcata ao Reboredo*. Guarda: Estrela-Côa, p. 190-195.
- CARVALHO, A.F. (1999) - Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 39-70.
- CARVALHO, A.F. (s.d.) - O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do PAVC). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, em preparação.
- CARVALHO, A.F.; BAPTISTA, A.M. (2002) - Late Prehistory and rock-art in the Côa valley (Northeast Portugal). Comunicação apresentada no *67th Annual Meeting of the Society for American Archaeology*. Denver (E.U.A.), 22-24 de Março.
- COIXÃO, A.S. (2000) - *Carta Arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa*. 2ª edição. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- CRUZ, D.J. (1998) - Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.). In *A Pré-História na Beira Interior*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos; 6), p. 149-166.
- CRUZ, M.D. (1995) - A cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). In *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, VII. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (Trabalhos de Antropologia e Etnologia; 35:3), p. 257-261.
- FIGUEIRAL, I. (1998) - Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa). Os restos vegetais carbonizados. In *Foz Côa, ano 2000. Cultura e Património*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa (Côavisão; 0), p. 43-48.

- FIGUEIRAL, I. (1999) - Castelo Velho (Freixo de Numão, Portugal). The charcoallified plant remains and their significance. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 259-267.
- GOMES, L.F.C.; CARVALHO, P.M.S. (1999) - *Monumentos megalíticos no concelho de Penedono*. Penedono: Câmara Municipal de Penedono.
- GOMES, L.F.C.; CARVALHO, P.M.S.; FRANCISCO, J.P.A.; PERPÉTUO, J.A.; MARRAFA, L.C. (1998) - O dólmen de Areita (S. João da Pesqueira, Viseu). *A Pré-História na Beira Interior*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos; 6), p. 33-94.
- JORGE, S.O. (1993) - O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História recente do Norte de Portugal. *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, I. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (Trabalhos de Antropologia e Etnologia; 33:1-2), p. 179-216.
- JORGE, S.O. (1998a) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. In JORGE, S.O.; JORGE, V.O. - *Arqueologia: percursos e interrogações*. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 69-150.
- JORGE, S.O. (1998b) - Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação. *A Pré-História na Beira Interior*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos; 6), p. 279-294.
- JORGE, S.O. (2002) - An all-over corded Bell Beaker in northern Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): some remarks. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 4, p. 107-130.
- JORGE, S.O.; RUBINOS, A. (2002) - Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os dados e os problemas. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 4, p. 95-112.
- JORGE, V.O.; CARDOSO, J.M.; PEREIRA, L.S.; COIXÃO, A.S. (2002) - Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro). *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 4, p. 73-94.
- LEISNER, V. (1998) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Deutsches Archäologisches Institut.
- PINTO, F.M. (1999) - O Parque Arqueológico do Vale do Côa: projectos, iniciativas e gestão. In CRUZ, A.R.; OOSTERBEEK, L., eds. - *Perspectivas em Diálogo. 1.º Curso Intensivo de Arte Pré-Histórica Europeia*, II. Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo (Arkeos; 6), p. 279-302.
- QUEIROZ, P.F.; VAN LEEUWAARDEN, W. (2003) - Estudos de Arqueobotânica em quatro estações pré-históricas do Parque Arqueológico do Vale do Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 275-291.
- RODRIGUES, S.M. (2000) - A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão, Norte de Portugal) no contexto do Neolítico antigo do Noroeste Peninsular. Algumas considerações preliminares. In *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, III. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 149-168.
- RODRIGUES, S.M. (2002) - Estação pré-histórica do Prazo (Freixo de Numão). Estado actual dos conhecimentos. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 4, p. 113-126.
- SANCHES, M.J. (1992) - *Pré-História recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- SANCHES, M.J. (1997) - *O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- STUIVER, M.; VAN DER PLICHT, J. (1998) - INTCAL98. *Radiocarbon*. 40:3.
- VALERA, A.C. (2000) - A calcolitização na Bacia Interior do Mondego. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; PEDRO, I., eds. - *Por terras de Viriato. Arqueologia da região de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 81-88.

